

TENTATIVA DE ESGOTAMENTO DE UMA COR E OUTROS DESAPARECIMENTOS

DANIELA AVELAR

Pesquisa desenvolvida com apoio parcial da Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

DANIELA CAVALIN AVELAR

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina, para obtenção do título de Doutora em Artes Visuais, na linha de Processos Artísticos Contemporâneos.

orientação:

Prof.^a Dra. Raquel Stolf

banca examinadora:

Prof.^a Dra. Regina Melim - UDESC

Prof.^a Dra. Silvana Macedo - UDESC

Prof.^a Dra. Telma Scherer - UFSC

Prof.^a Dra. Aline Dias - UFES

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Central/UDESC,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Avelar, Daniela Cavalin
Tentativa de esgotamento de uma cor e outros
desaparecimentos / Daniela Cavalin Avelar. -- 2021.
481 p.

Orientadora: Raquel Stolf
Tese (doutorado) -- Universidade do Estado de Santa
Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação ,
Florianópolis, 2021.

1. arte contemporânea. 2. escrita de artista. 3. literatura
potencial. 4. listas. 5. cor. I. Stolf, Raquel. II. Universidade do
Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de
Pós-Graduação . III. Título.

TENTATIVA DE ESGOTAMENTO DE UMA COR E OUTROS DESAPARECIMENTOS

DANIELA CAVALIN AVELAR

Resumo

A partir de diferentes coleções que orbitam e abarcam a cor branca, esta pesquisa é composta por nove blocos de textos, disparados pelo sentido de cada uma das palavras do título: “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”, que parte do livro “Tentativa de esgotamento de um local parisiense”, do escritor Georges Perec, sublinhando a contribuição das práticas do OuLiPo e a noção de *contrainte* (restrição) para este trabalho.

As investigações acerca da cor branca, enquanto conceito e experiência, se realizam por meio de ensaios/flutuações, em diálogo com artistas, pesquisadoras e escritoras, e de ficções. A noção de tentativa é aqui explorada como espaço de experimentação e resposta às restrições autoimpostas, que movem a criação textual a partir de dúvidas, fragmentos, listas e apropriações. Assim, busca-se desenvolver possíveis conceitos ligados à cor branca, que se cruzam com alguns sentidos das palavras do título, como a ideia da tentativa e as aproximações com o fracasso; o esgotamento e as noções de acúmulo, coleção e impossibilidade; outros e a escrita por meio da apropriação; e, desaparecimentos e os movimentos que surgem entre a ausência e a presença.

Palavras-chave: arte contemporânea, escrita de artista, literatura potencial, listas, tentativa, esgotamento, cor, desaparecimentos.

Abstract

The aim of this research is to develop possible concepts related to the white color in intersection with the meanings of the words of this thesis title "An attempt at exhausting a color and other disappearances", reference to the book "An attempt at exhausting a place in Paris", from the writer Georges Perec, underlining the contribution of OuLiPo and the notion of *contrainte* (restriction) for this work.

From different collections that surround and enclose the white color, as a concept and an experience, the investigations are carried out through essays/fluctuations in dialogue with artists, researchers and writers, but also through fictions. The notion of attempt is explored here as an experimental space and answer to self-imposed restrictions. The textual creation moves throughout doubts, fragments, lists and appropriations. Comprising nine blocks of texts, triggered by each word of the title, this thesis explores the idea of attempt and it's the convergence with failure; exhausting and notions of accumulation, collection and impossibility; other and the writing through appropriation; and, disappearances and the movements that arise between absence and presence.

Keywords: contemporary art, artist writing, potential literature, lists, attempt, exhaustion, color, disappearance.

TENTATIVA	15
flutuação n. 1: tentar é duvidar?	17
flutuação n. 2: tentar é arriscar?	23
Como de costume, queria ter certeza	31
flutuação n. 3: tentar é agarrar algo no ar?	39
flutuação n. 4: tentar é equilibrar?	47
Você chega lá	53
flutuação n. 5: tentar é queda livre?	57
flutuação n. 6: tentativa modos de usar	67
flutuação n. 7: de novo, de novo	73
Entre o sim e o não, existe um vão	81
DE	87
flutuação n. 8: penso pouco, falo muito e sigo adiante	89
ESGOTAMENTO	101
flutuação n. 9: esgotar o possível e o impossível	103
flutuação n. 10: lista infinita	113
Ontem, meu bem, contei até cem	179
DE	185
flutuação n. 11: eu dei um grito e um rodopio mas você se distraiu	187
UMA	193
flutuação n. 12: vai mais pra lá pra dar perspectiva	195
COR	205
flutuação n. 13: tirando nada, só me resta o compromisso	207
O resto é com vocês.	229

E	317
flutuação n. 14: fiquei no caminho, só faltou um pouquinho	319
OUTROS	327
flutuação n. 15: não fui eu	331
flutuação n. 16: não foi você	339
flutuação n. 17: não fomos nós	347
DESAPARECIMENTOS	359
flutuação n. 28: por dentro	365
Feche os olhos, vire a mesa.	389
flutuação n. 19: para dentro	397
Que quê há?	423
flutuação n. 20: para fora	431
Não sei se sonhei ou se embarquei.	451
flutuação n. 21: por fora	459
Onde é que eu estava mesmo, meu amor?	473

flutuação n. 1: tentar é duvidar?

Quem sabe, *quicá*, às vezes, de repente: jeitos diferentes de começar a falar sobre o que não se tem certeza. Na falta de certezas, perguntas. Perguntar para compreender ou, ao menos, *tentar*. Tentar entender enquanto processo e o processo como uma maneira de se demorar em algum lugar. Talvez, na tentativa imagina-se um ponto de chegada desejado, ainda que o trajeto seja incerto. Como escreveu Maurice Blanchot, “[...] Aqui não existe nenhuma ideia de finalidade [...] Encontrar é quase a mesma palavra que buscar, que diz: ‘dar a volta em’” (2001, p. 63-64). É o risco do desconhecido, a experiência do não-saber, da incerteza e da possibilidade de não chegar a lugar algum.

Duvidar é não se convencer de algo: desconfiar, suspeitar, balançar, bambear, hesitar, titubear, vacilar. A dúvida pelo receio ou falta de confiança em algo. Confiando na desconfiança, o artista Ben Vautier criou a *Fundação da dúvida* (*Fondation du doute*, 2013), em Blois, na França. Seguindo premissas Fluxus, o artista define sua fundação enquanto “um espaço de questionamento da arte, de reflexão, de dúvida”. “Criar é duvidar e duvidar é criar”, afirma o folheto de apresentação da Fundação bem como um de seus trabalhos presentes na fachada do espaço. Ben garante que as respostas para perguntas como ‘tudo é arte?’, “a arte é uma aventura, aparência ou realidade?” ou “quais são os limites da arte?” encontram-se na Fundação da dúvida.

Começar pela dúvida ou seguir duvidando. Se duvidar é desconfiar, talvez seja a dúvida que instau-

re o movimento. A certeza é a ausência de dúvidas. A certeza é fixa, estável, imóvel. Não possibilita a busca que a instabilidade da dúvida proporciona. Outra experiência determinada pela dúvida, via instituição-proposição artística: *The Centre for the Less Good Idea*, criado por William Kentridge, em Joanesburgo, na África do Sul. Segundo Kentridge, o principal objetivo do espaço é encontrar as “ideias menos boas” a partir da abertura de espaço para experimentações, colaborações e interdisciplinaridades. E conviver com a ideia “menos boa” seria o mesmo que tentar com maior intensidade? O texto de apresentação do *Less Good Idea* se propõe enquanto um espaço “[...] para perseguir descobertas incidentais feitas no processo de produção da obra. Geralmente, você começa com uma boa ideia. Ela pode parecer cristalina no início, mas [...] surgem rachaduras e fissuras em sua superfície que não podem ser ignoradas”. E segue com o argumento de que as ideias secundárias, ou aquelas “menos boas”, podem apresentar soluções e mostrar coisas que você não sabia antes.

Less Good Idea é definido como “um espaço seguro para fracassar, para projetos serem experimentados e descartados por não funcionarem”. Tentar é ensaiar, experimentar, pôr à prova. Assim, se tentar é experimentar, podemos pensar na tentativa enquanto um teste. E o teste se dá no tempo: permanecer um tanto e ver o que dá. Teste e tentativa como realidades provisórias. Assumir a ideia “menos boa” seria o mesmo que assumir uma tentativa.



BEN VAUTIER: desconfie des palavras [1]

flutuação n. 2: tentar é arriscar?

Se percurso implica em percorrer um caminho ou trajeto, isto é, deslocar-se de um ponto a outro, isso significa saber de antemão onde ou quando o segundo ponto será atingido? É possível pensar que as ações de Francis Alÿs se sustentam pelo meio: nos caminhos pelos quais se deslocam, se organizam e se estruturam, seja empurrando um cubo de gelo pela cidade (*Sometimes Making Something Leads to Nothing*, 1997); ou quando resolve retocar toda a sinalização de chão de uma estrada (*Retoque*, 2008); ou quando desfia sua blusa criando um rastro de lã enquanto caminha (*Fairy Tales*, 1992). São tentativas do percurso. Ideias boas, menos boas e também as mais absurdas. Talvez, tão absurda ou mais do que tentar mover uma montanha (*Cuando la fe mueve montañas*, 2002) seja tentar entrar no olho de um furacão.

Tornado (2010) surge após dez anos (2000-2010) de tentativas de Alÿs em viagens ao sul da Cidade do México, onde ocorria a tempestade de areia registrada no trabalho. A coreografia, ao longo de anos, tinha início com a espera do surgimento da tempestade, seguia com uma aproximação física estratégica até a decisão do instante exato para tentar saltar para dentro do tornado. *Tornado* reúne tanto imagens filmadas pelo artista Julien Devaux, a partir de uma visão externa do furacão, quanto imagens tremidas e caóticas, desde o meio da tempestade, registradas por Alÿs.

Embarcar em uma aventura enquanto risco,

sujeito à sorte ou ao acaso. Ao contrário do que a expressão “estar no olho do furacão” sugere, uma situação problemática, o “olho” é o espaço de calma na tempestade; uma zona de vazio criada pela força do seu giro. No entanto, trata-se de uma falsa calma, pois, no movimento contínuo de um tornado, seu centro se desloca junto e leva consigo tudo aquilo que estiver nessa calma do meio. Para Alÿs (mas também em termos científicos), os tornados são “casos de ordem emergindo do caos”. Ou seja, tentar entrar no olho do furacão é colocar-se em perigo extremo. Se tentar é fazer algo sem certeza, seria o mesmo que aventurar-se?

Numa dada situação é o livro que reúne processos, notas e referências de Francis Alÿs em diálogo com Tornado. Na capa, uma pintura lista as palavras:

tumulto
contingência
colapso da ordem
pura desordem
incerteza
simulação da ordem
quietude
turbulência
resistência
perda de controle
caos glorioso
êxtase

A tentativa enquanto gesto de *Tornado* e a confirmação disso nas palavras acima. Tentativa seria o movimento da incerteza. Nota-se também uma repetição da palavra “ordem”. A sequência das palavras pode sugerir a coreografia da tentativa em entrar no centro do tornado: do tumulto ao êxtase.

O êxtase atingido por Alÿs ao entrar no tornado talvez nos diga mais a respeito da tentativa enquanto sinônimo de correr riscos do que sobre a obtenção de um resultado esperado. Se a tentativa é uma oscilação entre sucesso e fracasso, conseguir, ou não, entrar no olho do furacão não elimina todos os gestos das tentativas. Se falhar é não produzir o efeito desejado, e o movimento da tentativa se dá pela incerteza, existiria um movimento desejado com toda certeza?

Ainda em *Numa dada situação*, Alÿs cita Samuel Beckett: “Nunca ter tentado. Nunca ter falhado. Não importa. Tentar outra vez. Falhar outra vez. Falhar melhor”.



Como de costume, queria ter certeza

Duas pessoas e um papagaio moram naquela casa. Não poderia dizer há quanto tempo moram ali, tampouco há quanto tempo o papagaio estava junto delas. Essas pessoas costumam conversar bem alto. Já faz parte da minha rotina acompanhar o cotidiano delas. Tenho a impressão de que elas conversam a partir de cômodos diferentes da casa. Talvez esse seja o motivo do volume tão alto de suas vozes. As conversas se desenrolam, basicamente, a partir das coisas que desaparecem pela casa:

– Cadê a porcaria da minha chave?

O papagaio repete:

– Por acaso você saberia onde está a minha chave?

– Deve estar onde você deixou.

O papagaio responde:

– Não vi, meu bem.

En esa casa viven dos personas y un loro. Tampoco podría decir cuánto tiempo viven allí, cuánto tiempo el loro había estado con ellos. Estas personas suelen hablar muy alto. Ya es parte de mi rutina seguir su vida diaria. Tengo la impresión de que hablan desde diferentes habitaciones de la casa. Quizás por eso el volumen de sus voces es tan alto. Las conversaciones se desarrollan, básicamente, a partir de las cosas que desaparecen por la casa:

– ¿Dónde diablos está mi llave?

El loro repite:

– Bebé, ¿sabrías por casualidad dónde está mi llave?

– Debería estar donde lo pones.

A lo que responde el loro:

– No vi, cariño.

Duas pessoas e um papagaio moram naquela casa. Ele também não sabia dizer há quanto tempo eles moram lá, há quanto tempo o papagaio estava com eles. Essas pessoas costumam falar muito alto. Já faz parte da minha rotina acompanhar o seu dia a dia. Tenho a impressão de que falam de diferentes cômodos da casa. Talvez seja por isso que o volume de suas vozes é tão alto. As conversas se desenvolvem basicamente a partir de coisas que desaparecem pela casa:

– Onde diabos está minha chave?

O papagaio repete:

– Baby, você por acaso saberia onde está minha chave?

– Deve estar onde você colocou.

Ao qual o papagaio responde:

– Eu não vi, querido.

En esa casa viven dos personas y un loro. Tampoco pudo decir cuánto tiempo viven allí, cuánto tiempo el loro había estado con ellos. Estas personas tienden a hablar muy alto. Ya es parte de mi rutina seguir tu vida diaria. Tengo la impresión de que hablan de distintas estancias de la casa. Quizás por eso el volumen de tus voces es tan alto. Las conversaciones se desarrollan básicamente a partir de cosas que desaparecen en la casa:

– ¿Dónde diablos está mi llave?

El loro repite:

– ¿Sabrías dónde está mi llave?

– Debe estar donde lo dejaste, ¿verdad?.

A lo que el loro responde:

– No lo vi, querido.

Duas pessoas e um papagaio moram naquela casa. Ele também não sabia dizer há quanto tempo eles moram lá, há quanto tempo o papagaio estava com eles. Essas pessoas tendem a falar muito alto. Já faz parte da minha rotina acompanhar o seu dia a dia. Tenho a impressão de que falam de diferentes cômodos da casa. Talvez seja por isso que o volume de suas vozes é tão alto. As conversas se desenvolvem basicamente a partir de coisas que desaparecem pela casa:

– Onde diabos está minha chave?

O papagaio repete:

– Você saberia onde está minha chave?

– Deve estar onde você o deixou.

Ao qual o papagaio responde:

– Não vi, querida.

flutuação n. 3: tentar é agarrar algo no ar?

Se uma tentativa é sobre começar, esse começo poderia ser uma extremidade. Extremidade do corpo que toca e segura coisas, objetos e pessoas. Por onde se inicia o movimento de um quadrúpede. Sugere sentido e direção: rua de mão única, etc. Unidade de medida: uma mão de arroz, um punhado de feijão, etc. Distâncias: à mão, fora de mão, etc. Ineditismo: em primeira mão, etc. Ação: mão na massa, etc. Autoridade: mão firme, mão de ferro, etc. Vazio: de mãos abanando, etc.

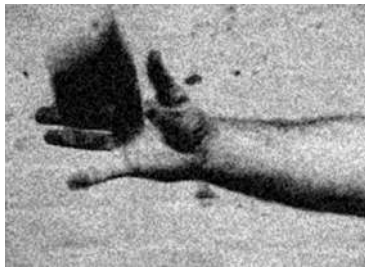
Em *Hand Catching Lead* (1968), assistimos à mão de Richard Serra tentando agarrar barras de chumbo, apesar do título afirmativo quanto ao ponto de chegada. Enquanto as barras são lançadas do alto, uma a uma, Serra repete, com a mesma velocidade, um movimento de abrir e fechar a mão. Estabelece a dinâmica de uma espécie de jogo de sorte e azar, como na brincadeira de lançar pedrinhas para o alto e agarrá-las de volta no ar. É possível que as chances de conseguir, ou não conseguir, agarrar as barras sejam equivalentes. Ao longo do filme, Serra consegue agarrar algumas. No instante em que consegue, solta a barra de chumbo no ar, abandonando aquilo a que se propôs. É como se, para este movimento de tentativa, um breve instante no ponto de chegada fosse suficiente.

Uma decisão em um instante, como segurar ou largar algo que cai. Um instante como o menor espaço de tempo possível; fração de segundos. A tentativa como movimento em direção a uma oportunidade,

uma circunstância propícia em um determinado momento. Um lance entre oportunidade, sorte e acaso. Se tentar é perceber uma oportunidade, surge uma relação temporal com perspectivas futuras. Um movimento temporal para a frente.

Em *Hand Movie* (1966), assistimos em um único plano fechado, durante oito minutos, uma das mãos da dançarina e coreógrafa Yvonne Rainer realizando movimentos sutis a partir dos pulsos, palma e dedos, de modo semelhante com que os corpos se movimentam em suas coreografias. Impossibilitada de dançar por conta de uma cirurgia, *Hand Movie* seria uma tentativa de Rainer dançar. Seguir tentando fazer o que se faz. Deitada na cama do hospital, sua mão é filmada por William Davis, também parte da Judson Church.

Tentativa pelas mãos: *Hand Movie* e *Hand Catching Lead*. A tentativa como persistência. Em Rainer, a tentativa se dá enquanto percurso da ação: a mão se alonga, se dobra, busca tocar pontos de si mesma, como um corpo que dança. A mão que tenta dançar quando o movimento não parece possível. Os gestos mínimos da mão se apresentam como as coreografias mínimas de Rainer, desenhadas a partir de movimentos cotidianos. A tentativa enquanto postura afirmativa perante o mundo por meio de gestos mínimos e atenção ao banal. Movimentos que existem “apesar de”.





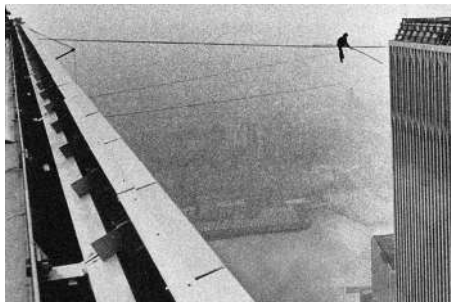
flutuação n. 4: tentar é equilibrar?

Vou tentar: uma afirmação que nos tranquiliza quanto à garantia do desfecho de algo a ser realizado. Ajuda a suavizar expectativas que não são nossas ou uma justificativa antecipada de que, caso não dê certo, já estava avisado. *Preciso ao menos tentar*. Foi o que disse Philippe Petit, em 1974, antes de esticar uma corda entre as Torres Gêmeas, em Nova Iorque, e atravessá-las, do alto de 450 metros de altura. A instabilidade de equilíbrio sobre uma corda bamba, sem garantias de segurança e com um poder de controle reduzido à tentativa. O título do documentário que apresenta sua história foi traduzido para o português passando da sugestão de instabilidade, *Man on Wire*, para a alusão à estabilidade: *O Equilibrista*. No equilíbrio entre o sim e o não, ele se mantém no eixo, na abertura das possibilidades.

No equilíbrio necessário para arriscar-se diante do vazio uma corda esticada enquanto o único alicerce. Se tentar é sempre assumir riscos sem garantias, como equilibrar-se com o mínimo possível? Nesse sentido, uma tentativa seria algo entre o impulso do mergulho e o esforço em evitar a queda.

Controlar o movimento a fim de evitar a queda. Não leva o movimento até o fim, apenas direciona. O intuito é mover de um lugar e direcionar para outro. Seria essa uma das possíveis definições da utopia: direcionar para outro lugar. Tentar enquanto movimento que se direciona a algum ideal. Ou a tentativa enquanto utopia. Talvez seja possível pensar em classificações para a utopia. Uma utopia disponível, por

exemplo, seria aquela que se pode dispor, acessível. Uma utopia pequeníssima seria algo correspondente ao mínimo que a nossa capacidade nos permite perceber. Uma utopia prometida seria um conjunto imaginário de perfeições que não se realiza por completo; expectativa. Uma utopia cíclica seria um reforço das contradições existentes; confiança.



PHILIPPE PETIT: o equilibrista [5]

Você chega lá

quando me conta que projetar quer dizer para a frente
pergunto
projetar o futuro é jogar para a frente duas vezes?
a resposta é
você chega lá

piso firme liso e macio
em dúvida se me direciono
ao futuro ou
à alguma utopia qualquer
pergunto
o futuro e a utopia dividem um mesmo lugar?

a utopia é sem ponto de chegada
deslocamento infinito
mas e o futuro?

quase cheguei lá
mas o trajeto é tão ruidoso
desigual e rugoso
talvez gradual esse ruído se torne ínfimo
e com o tempo os espaços diminuam
não sobre incômodos
não sobre nada

nadica nadinha
bulhufas lhufas
coisa nenhuma coisa alguma
nada mesmo

absolutamente nada
o futuro é bem pouca coisa

flutuação n. 5: tentar é queda livre?

José Newton já dizia:
Se subiu, tem que descer
(Raul Seixas)

Os seres humanos nascem com dois medos inatos: o medo de cair e o medo de sons muito altos. Ambos estão ligados à mesma cavidade do corpo: o labirinto. É o que nos mantém em equilíbrio. Mas e o que acontece quando, mesmo que por alguns instantes, o medo de cair desaparece? Ou, então, o que acontece quando em um lapso o medo é ignorado e o corpo se entrega, voluntariamente, à gravidade? Se a queda se apresenta como um acidente, em um embate com a gravidade, você perde e a gravidade ganha. Ao se lançar, o corpo provoca e deseja essa entrega. Portanto, no embate com a gravidade, há um empate, pois a gravidade foi aceita. O corpo se movimenta em direção ao vazio, abrindo mão do controle.

Uma decisão não é um acaso. Bas Jan Ader demonstra como a gravidade pode atuar sobre seu corpo, na série *Falls* (1970-75): a partir de um telhado; de uma árvore; para dentro da água, enquanto guia uma bicicleta; em pé, fixo, migra para um corpo que se lança lateralmente ao chão. Com isso, Bas demonstra não possuir o medo inato da queda: a plena aceitação da ação da gravidade.

A queda dos corpos é inevitável. Está na natureza das coisas. Tudo acaba caindo um dia ou outro: chuva, neve, as frutas maduras, as folhas mortas... Os objetos que nos cercam

escapam provisoriamente a esse destino pois são mantidos artificialmente. A queda permeia tanto nossas vidas ao ponto de portar, como sentido metafórico: a ruína do homem, a queda do Império Romano. Como no dito popular: quanto maior a altura, maior será a queda. (MORAIS, 2013-2014, s/d)

Se a gravidade se apresenta no mundo como incontornável, tentar evitar sua ação demanda um grande esforço, talvez, inútil. Quando Bas cai do telhado, de uma árvore ou dentro de um canal, é porque a gravidade o dominou. Abrir mão do controle que imagina possuir e aceitar o inevitável, quem sabe, seja mais um dos gestos de tentativa.

Aceitar a gravidade seria o mesmo que aceitar a falha e o fracasso? As ações de Bas desestabilizam o lugar-comum e a perspectiva única da queda enquanto sinônimo de ruína ou fracasso. Ao mesmo tempo, sua postura, que não se opõe à gravidade, é vista com espanto e suas ações como materializações do absurdo. Tal perspectiva do absurdo se aproxima de uma comicidade trágica, ou de um humor surreal. Ao mesmo tempo, estabelecemos alguma empatia pela vulnerabilidade na qual o artista se coloca. Algo próximo daquilo que nos atinge ao observar a queda de alguém no meio da rua. Talvez seja o tragicômico diante do inesperado na vida.

Na busca por imagens das quedas de Bas Jan Ader, na Internet, surge a imagem de outra famosa suspensão do corpo no ar: Yves Klein e seu salto

no vazio (1960). Em qual ponto uma suspensão se aproxima ou se afasta da outra? Klein mergulha no ar de braços abertos tal qual o voo de um pássaro. É como se ele acreditasse que, de fato, pode voar. E, de fato, ele pôde: a conhecida imagem de seu salto é, na verdade, uma imagem manipulada. Na imagem original, é possível ver a queda de Klein amortecida por um tecido segurado por vários homens.

Como no mito de Ícaro, aquele que constrói suas próprias asas e tenta deixar Creta voando, mas acaba morto no mar Egeu. Um desejo do vôo que, talvez, seja mais evidente em Yves Klein do que em Bas Jan Ader: como se Klein almejasse a precisão do vôo e Bas, aceitasse, com tranquilidade e certa melancolia, perder a batalha entre o peso da gravidade e a leveza da suspensão. Bas, talvez, encontre-se próximo ao modelo do herói clássico: aquele que segue adiante ainda que isso signifique sua própria ruína. Ainda assim, ambos flertam com uma dimensão extrema da tentativa: tentativas de fixar um estado de suspensão ou a queda em uma imagem.

Colocar-se em suspensão como o mesmo que encarar o abismo, esse espaço antes de se lançar, seria como encarar as incertezas e se movimentar a partir desse território: “[...] decidiu que se moveria nas fronteiras do vazio, tentaria ver o que aconteceria se resolvesse debruçar-se no abismo” (VILA-MATAS, 2013, p. 170).





YVES KLEIN [7]

flutuação n. 6: tentativa modos de usar

abandonar em vez de
acompanhar em vez de
alinhar em vez de
analisar em vez de
apelar em vez de
aproximar em vez de
assistir em vez de
atacar em vez de
atingir em vez de
averiguar em vez de
buscar em vez de
caçar em vez de
cair em vez de
cercar em vez de
chegar em vez de
circundar em vez de
colher em vez de
completar em vez de
contornar em vez de
cuidar em vez de
desgastar em vez de
desistir em vez de
desviar em vez de
ensaiar em vez de
entender em vez de
enxergar em vez de
esboçar em vez de
escapar em vez de
estar em vez de
evitar em vez de

exercitar em vez de
explicar em vez de
explorar em vez de
fantasiar em vez de
fazer durar em vez de
forçar em vez de
fuçar em vez de
girar em vez de
grudar em vez de
guardar em vez de
idealizar em vez de
imaginar em vez de
incluir em vez de
induzir em vez de
insistir em vez de
instaurar em vez de
inventar em vez de
investigar em vez de
ir em vez de
juntar em vez de
lançar em vez de
largar em vez de
levar em vez de
limpar em vez de
margear em vez de
movimentar em vez de
negar em vez de
paralisar em vez de
parar em vez de
pedir em vez de

pelejar em vez de
perceber em vez de
procurar em vez de
programar em vez de
propor em vez de
provar em vez de
provocar em vez de
receber em vez de
renunciar em vez de
repetir em vez de
restabelecer em vez de
restaurar em vez de
retirar em vez de
rodear em vez de
seduzir em vez de
sondar em vez de
testar em vez de
vir em vez de

flutuação n. 7: de novo, de novo

“A tentativa é quando a gente quer de novo. Falar, por exemplo. Eu quis dizer, falar ‘de novo’. Você fala ‘o que quer dizer tentativa?’, aí eu sempre respondo ‘tentativa é quando a gente quer de novo’”.

Helena S., 7 anos

“É tentar uma coisa que você ainda não tentou. Ai, eu não sei o que é aquela planta. Então, eu vou saber. O que é aquela planta, tia? É uma planta que fica na terra e vive com água. Isso é tentar. Ou, eu nunca li esse livro. Como eu vou tentar ler? Ai, eu ainda nunca vi esse quadro. Vamos ver onde ele nos leva. Vou procurar na Internet onde ele foi feito. Ele foi feito num lugar que é legal, que é divertido, pode ser na neve, pode ser feito com as letras, pode ser feito com os livros, pode ser feito com pelo... Isso que é tentativa”.

Morena R. M., 4 anos

“Tentativa é uma coisa que a gente tenta, mas nem sempre a gente consegue. Muitas vezes a gente pode conseguir, mas muitas vezes não. Tentativa é uma coisa que a gente tenta fazer, por exemplo, aqui na pandemia, vou tentar ir num restaurante e ele tá fechado; foi uma tentativa de ir no restaurante. Mas ele tá fechado e eu não posso ir. Nesse caso, não deu certo. E uma tentativa que dá certo é, por exemplo, eu planto uma planta, planto a sementinha, espero alguns dias, daí cresce e eu fico feliz. Eu tentei e deu certo. É isso”.

Laura L. A., 8 anos

“É quando você faz uma coisa, aí dá errado e você tenta de novo. Tipo assim, ó: eu tentei usar o robô, mas não consegui, aí tentei de novo e consegui! Tentativa é como limpar um pote, numa tentativa. Nem sempre dá certo. Aí tenta de novo”.

Augusto F., 5 anos

“Tentativa? Você tem que tentar uma coisa que você não consegue fazer. Você tem que tentar e não pode desistir. Tem que tentar, tentar, tentar até conseguir. É isso. E se não conseguir, chama alguém pra ajudar”.

Martina R. C., 7 anos

“Tentativa é pensar no que você vai fazer, por exemplo, ‘ah, eu quero comprar um carro novo’. Você economiza dinheiro e tenta comprar um carro novo com o dinheiro que você economizou. Pra mim, tentativa é você ter um ato em alguma coisa que você quer. E não desistir, porque tentativa é você tentar. É derivado da palavra ‘tentar’. Então, é tentar várias vezes”.

Melissa K., 10 anos

“Tentar é fazer uma coisa. Nunca desista! Quando eu era pequena, eu tinha medo de cachorro. Tô dando um exemplo aqui com meu cachorrinho de pelúcia, né? Quando eu via ele, parecia que eu tinha uma conexão com ele. Era um cachorro de verdade, tá? Quando eu passei a mão nele, nunca mais quis tirar a mão. Achei que eu queria ter um cachorro, mas eu não posso, por causa da minha respiração.

Quando eu era bebê, minha mãe me deu esse exemplo, eu tinha medo de subir escada. Eu morri aqui de rir, Dani, sério. Olha, eu falo muita coisa. Tentar é estudar, é fazer um monte de coisa. Se você tentar uma coisa, sempre vai conseguir na vida. Se você não tentar, nunca vai conseguir. Você nunca vai fazer uma coisa que você quis conseguir. Se você não tentar, aí é um problema. É você experimentar uma coisa que você não quer. Por isso é que eu falo que eu adorei o que você falou, Dani, e eu te amo do fundo do meu coração”.

Gabriela M., 7 anos

“Tentativa é quando a pessoa pensa que uma coisa vai dar certo, mas ela dá errado. Uma coisa que eu gostaria muito de ganhar é um Monster Truck, mas se chegar quebrado, eu não gostaria que ele estivesse quebrado, queria inteirinho. O problema é que se chegasse estragado eu não conseguiria brincar com ele. Treinamento tem que fazer exercício e tentativa tem que fazer todo o tempo a mesma coisa”.

Raul L. P., 5 anos

“Tentativa é tipo falar ‘tenta subir nessa pedra!’, ‘tenta escalar uma montanha!’. Isso que é tentar. Ó... Um dia, eu tentei na tirolesa. Eu tentei e eu consegui e aí quero fazer mais, mais e mais e mais. E é isso”.

Kilian T. P. S. A., 6 anos

“Tentar e tentar de novo. Por exemplo, você está ten-

tando aprender a andar de bicicleta sem rodinha, aí você cai e você tenta de novo. Aí você vai tentando. Você tenta, tenta, tenta, tenta e tenta de novo”.

Gabriela G., 8 anos

“Tentativa é uma coisa que... eu não sei o que é tentativa. Você tem que tentar as coisas. Se você não tentar, você não vai conseguir. O exemplo é... tipo, se você não conseguir, você tem que pedir ajuda ou tentar fazer”.

Alice B., 5 anos

“Tentar é uma coisa, tipo assim: eu vou tentar desenhar, eu vou tentar achar a minha meia, eu vou tentar achar o aplicativo, eu vou tentar achar a minha camiseta, eu vou tentar achar as minhas luvas, eu vou tentar achar os meus brinquedos”.

Liz M. U., 4 anos

“Pra mim, tentar é...não sei bem como explicar, mas é como... ah, vou dar um exemplo: eu estou tentando escalar uma parede de escalada; é um desafio pra mim. Tentar, pra mim, é: você não sabe se vai conseguir superar o obstáculo, mas mesmo assim, vai lá e encara! Essa é a minha opinião sobre tentar”.

Pedro L. M. U., 9 anos

“Tentar é tentar outra coisa. E, se der errado, faz outra coisa de novo”.

Raul A., 4 anos

Entre o sim e o não, existe um vão

Nível máximo de certeza [100%]

é garantido que uma pedra muito grande não mude de lugar de jeito nenhum. sem dúvida de que ela seja realmente muito grande, pois além de grande ela é dura demais para realizar qualquer tipo de movimento e se torna parte de um território daqueles que se alcança com a vista quando parada olhando de um determinado ponto. ou seja, aquilo que chamamos de paisagem. se integra à paisagem como ancorando um barco, criando raízes, afincando, insistindo, persistindo, como que por birra ou teimosia. sendo que essa birra, ou teimosia, consiste apenas em estar parada, por pura convicção em estar ali imóvel em não se deslocar a nenhum lugar, em não fazer nada sendo apenas diferente de uma teimosia ou birra daquelas capazes de arrombar portas já abertas.

Nível médio de certeza [50%]

deve ser como no vídeo do youtube chamado pedra gigante rola da montanha e quase atinge veículo, que mostra uma pedra que não era tão gigante assim — apesar de ser bem grande, algo como umas três vezes maior do que o carro que ela quase esmaga, e quase amassa também o carro que estava

atrás desse carro quase esmagado, que é de onde assistimos tudo. esse segundo carro é do cinegrafista amador de youtube que filma o trajeto que ele faz em um dia feio e chuvoso, em uma avenida ou estrada margeando uma montanha, — essa sim gigante mas a pedra nem tanto — e, em um dado momento, talvez lá pelos vinte segundos do video, várias pedrinhas pequenas surgem na cena seguidas por uma grande nuvem de poeira de terra montanhosa, até que a pedra chamada de gigante cai bem no meio da estrada. isso contradiz a crença de que uma pedra não costuma mudar de lugar, ainda mais uma pedra chamada de gigante, mas pode ser que, sim, ela pode de repente, ao acaso, sem que ninguém espere, decidir por si mesma. quer dizer, não podemos afirmar que as pedras decidem por si mesmas, mas há chances de que elas também sejam dotadas de livre arbítrio e escolhem se ficam em cima de uma montanha ou se rolam ladeira abaixo; e ainda a possibilidade de que ela tenha sido empurrada por um ser humano que, sempre muito autocentrado, só se importa com sua vontade de que a pedra não esteja mais ali e a empurra morro abaixo sem pensar onde ela vai cair, talvez como tenha sido nesse video.

Nível mínimo de certeza [0%]

pode ser que alguém chute uma pedrinha em um momento de vergonha, enquanto caminha junto a alguém, em uma conversa cheia de coisas que não conseguem dizer com precisão, até por não sabermos bem como dizer. ou então, quando uma dessas pessoas que caminham juntas quer dizer algo e a outra, por sua vez, não quer dizer nada e está bem tranquila em só seguir o fluxo até o metrô, enquanto a primeira pessoa, da qual falamos aqui, quer muito dizer uma coisa há tempos. então ela chuta longe uma pedrinha para passar um ar de descontração, despojamento e equilíbrio, quando na verdade é só oscilação, vacilo, titubeio e gaguejo. é como gaguejar quando não se é gago, mas está gago temporariamente por uma situação fronteira, um entre-lugares, e essa pedrinha que é bem molinha também pode ser chutada, jogada na janela pra chamar para um assunto, ou jogada no lago para uma competição. quem ganhar fala tudo, quem perder ouve tão molinha que ela até rola se quiser.

flutuação n. 8: penso pouco, falo muito e sigo adiante

- 1 caderno pontilhado (29,5 x 21 cm)
- 1 caderno quadriculado (20,7 x 14,4 cm)
- 1 caderno da 11ª Tijuana SP (19,7 x 14,2 cm)
- 2 cadernos da biblioteca Mário de Andrade (14,7 x 10,5 cm)
- 3 cadernos sem pauta (18 x 12,5 cm)

1. empilhar resumos de vida
2. notas sobre como casais se sentam em restaurantes
3. 1 lista a partir do branco: devaneio, divagar, imaginar, quase, exterior, fracasso, ausência, silêncio, loucura, nada, desvario, zero, limite, sonho, abismo, fora, fronteira, sumir, desaparecer, acabar, cegueira, ruído, longe, nuvem, decifrar, mínimo, fim, opaco, murmúrio, impossível, infinito, ruína, derrota, fiasco, desastre, vago, irreal, malogro, truque, brecha, insucesso
4. notas da leitura de *Textos para Nada*
5. *Lecture on nothing*, Brandon La Belle + *Notas sobre a experiência*, Larrosa
6. “eis a definição das coisas que amo: são aquelas de que não falo, de que tenho vontade de falar e não consigo”, Francis Ponge, *Métodos*
7. *menos Foucault, mais Shakira*
8. 1 pergunta recebida: *seus trabalhos têm a ver com a pesquisa de doutorado?*
9. 1 lista a partir da palavra fracasso: humilhante, tradução, experiência, repetição, risco, processo, erro, transgressão, desconhecido, não-saber, incer-

teza, não chegar a lugar algum, ficção, encontro, desencontro, possível, impossível, expectativas, esperança, desejo, imprevisível, inconcluso, esburacar falsos ideais, perfeição

10. notas de um skype com Raquel

11. 30 post-its laranjas e 12 post-its rosas grudados

12. notas da banca de qualificação do doutorado

13. “eu prefiro as coisas espalhadas”, disse Raquel

14. 1 lista de tarefas da semana de 22/10/18 a 28/10/18

15. *O conceito de ficção*, Juan José Saer e a ficção como antropologia especulativa

16. classificações de certezas x dúvidas e coisas moles x coisas duras

17. *falso e verdadeiro são conceitos problemáticos?*

18. 1 lista das referências citadas em Doutor Pasavento, Enrique Vila-Matas: J. D. Salinger, Thomas Python, Maurice Blanchot, Montaigne, Descartes, Christopher Domínguez Michael, Joseph Roth, Antonin Artaud, W. G. Sebald, Alan Pauls, Robert Walser, Phillip Roth, Engels, Agatha Christie, Angelo Scorcelleti, Karl Marx, Borges, Bob Dylan, Cervantes, Tarkovski, Julien Gracq, Inre Kértész, Lawrence Sterne, Daniele Del Giudice, Diderot, André Gide, Saint-Exupéry, Daniel Mordinski, Roland Barthes, Arthur Cravan, Julien Green, Bernardo Atxaga, António LoBo Antunes, Edgar Allan Poe, Hölderlin, Serge Reggiani, Kafka, Rosselini, Godard, Scorsese, Charles Gounod, Albert Cossery,

W. Benjamin, Tinguely, Schiller, Beckett, Garcilaso, Nietzsche, Juan Luis Martínez, Kurt Schwitters, Sylvia Plath, Jacob von Gutten, Angelo Scorcelletti, Tabucchi, Marc Pierret, Antonioni, Fleur Jaeggy

19. “a audiência gosta do fracasso, contanto que saiba que você está fracassando”, Burroughs

20. *One art*, Elisabeth Bishop

21. 1 lista: *As virtudes do fracasso*, Charles Pépin; Museu do Fracasso, na Suécia e o monocromo como fracasso

22. Buster Keaton, Beckett e Sísifo

23. notas sobre assistir uma peça de teatro, com quatro horas de duração, sentada sem encosto para a coluna

24. “Ele fracassara, mas não como em todas as outras vezes. Agora fracassara para sempre”, Alberto Manguel, *O Amante Detalhista*

25. 1 lista de “livros para pessoas que fracassaram...” traduzida para *books for people who failed: promptly, also, aimlessly, so much, with joy, suddenly, with healthy, for free, without hesitating, by chance, without a doubt, in harmony, peacefully, in general, violently, more than anything, in abundance, at ease*

26. notas do encontro com Kenneth Goldsmith: *tradução é um desastre, linguagem é um desastre, comunicação é um desastre, sempre há algo pra copiar e remixar*

27. Trilogia da Incomunicabilidade, Michelangelo

Antonioni: os personagens tentam

28. 1 papel de biscoito da sorte colado: "Os pesos de duas extremidades causam uma inversão e se equivalem"

29. 1 lista a partir da leitura de *Listas Extraordinárias*, Shaun Usher

30. 1 post-it azul escrito "p. 39"

31. palavras do *Dicionário Crítico de Bataille*: olho, desgraça, poeira e informe

32. 1 lista com 11 palavras: abismo, borda, senão, assombro, delírio, truque, aliás, fôlego, dobra, ruído e sem

33. notas a partir da mensagem de texto que dizia *we are in a similar situation*

34. *como isso não me sai do pensamento?*

35. *hoje vou experimentar a palavra talvez* em coreano é 오늘 당신은 아마 단어에서 경험할 것입니다

36. a pronúncia de "talvez", em coreano, é "amado"

37. "depois de quantos dias as pessoas começam a mudar de assunto?", Elvira Vigna

38. mal-entendidos, fracassos e a cor branca

39. 1 lista de *inuit words for fallen snow*: *fallen snow on the ground, soft, deep snow on the ground, crust on fallen snow, fresh fallen snow on the ground, fallen snow floating on water*

40. dia 1 em Helsinki: *nice jacket*

41. 1 lista de *inuit words for snow formations*: snow

bank, snow block, snow cornice

42. notas sobre um cogumelo gigante e sobre lagos finlandeses

43. 1 lista de *inuit words for meteorological events: blizzard, snowstorm, severe blizzard*

44. Katie Paterson e som de geleiras na Islândia + *Irmão de gelo*, Alicia Kopf

45. 1 lista de *inuit words for snow: avalanche, blizzard, blowing snow, dusting, flurry, frost, hail, hard-pack, ice lens, igloo, pingo, bowder, sleet, slushsnow, snow bank, snow cornice, snow fort, snow house, snow man, snow mixed with rain, snowflake, snowstorm*

46. não existe a letra C em russo

47. 1 lista de todas as pessoas com quem me relacionei durante a viagem, em ordem cronológica

48. *merhaba* é oi, em turco, *kiitos* é obrigada, em finlandês, oi em russo se diz *privié*t e *slovo* é palavra, em russo

49. *tentar escrever como quem caminha sem alvo e vice-versa?*

50. 1 análise comparativa entre três mensagens: *nice!* x *adoraria* x *o que tem amanhã?*

51. notas de uma conversa sobre futuro

52. 1 lista de coisas na geladeira para pensar combinações classificadas por nível de animação: salmão, camarão, ovo, atum, cogumelo, queijo, arroz, macarrão, cuscuz marroquino, pão, banana, salada,

espinafre, pesto, molho de tomate, couve de bruxelas

53. 1 lista de coisas brancas que joguei fora depois de acumular com intenções de coleção mas que só ficaram guardadas durante anos

54. *Se não é possível guardar tudo, o que guardar?*

55. “o que está ordenado de um modo definitivamente provisório o está de modo provisoriamente definitivo”, Perek

56. 1 lista sobre organização: organizando o seu tempo, organizando os seus arquivos, organizando os seus afazeres, tipos de organização, como lidar com a procrastinação, por que se organizar?, objetivos da organização, como incorporar hábitos de organização, o que garante uma vida organizada, vantagens e desvantagens de ter uma vida organizada, princípios da organização, o que organizar primeiro?, o que realmente importa em termos de organização, organização dos ambientes

57. 1 pergunta: escrever é uma forma de colecionar?

58. notas sobre uma mosca finlandesa

59. “toda ordem é precisamente uma situação oscilante à beira do precipício”, Benjamin

60. notas sobre a sauna pública

61. 1 dúvida: ficar pelado junto aproxima as pessoas?

62. “gastando o diabo”, Guimarães Rosa

63. 1 lista: *erased, rubbed out, disappear, erasure, erasing, erasers, nothing, scratched, abraded, carving*

out, demolition

64. “em torno de 95% do que é falado e escrito [...] não dizem, na realidade, nada”, Flusser

65. notas das leituras de *A biblioteca à noite*, Alberto Manguel, e *Pour une bibliothèque idéale*, Raymond Queneau

66. 1 lista de tipos de fitas adesivas: fita japonesa da Austrália, durex japonês, fita crepe brasileira, fita crepe finlandesa, fita crepe finlandesa, fita pvc finlandesa, fita pvc russa, fita crepe alemã

67. “Não se deve compreender muito rápido”, Lacan

68. 1 lista a partir da palavra desaparecimento: cegueira, desfazer, suspensão, espera, atraso, invisibilidade, alienação, controle social, documentos, burocracias, demência, hipnose, repetição, sequência

69. O *Sumiço*: sai o “e”, mas tem todo o resto

70. 1 lista de diferentes tipos de utopias

71. “não havendo tentativa, como pode haver fracasso?”, Paulo Henriques Britto

72. 1 lista de ocorrências de saudade

73. nota sobre o homem que me pediu dinheiro no ponto de ônibus e perguntou se eu era artista plástica

74. *Instruções de uso*, Bélen Gache + *Instant narrative*, Dora Garcia + *Como escrevi alguns de meus livros*, Queneau

75. 1 lista de prazos

76. 1 música: “O tempo não existe, essa que é a gra-

ça”, Jards Macalé

77. “a cura está no tempo, dizem, mas, ela pensa, porque não no espaço?”, Ana Martins Marques

78. “entrar no espaço interior equivale a sair?”, Marília Garcia

79. 1 lista de lugares para conhecer em Belém

80. notas sobre 1 alfajor mordido x 1 alfajor inteiro

81. raramente me contradigo embora desta vez sim

82. *Siempre podemos seguir siendo amigos*, Lúa Coderch

83. grupo ERRO

84. 3 listas de adjetivos

85. *i think helvetica is evil*, disse Zoe

86. “esse trabalho, que não era exatamente um ofício, nem mesmo uma profissão”, Perec, *As coisas*

87. 1 lista de pessoas para a banca de doutorado

88. 1 filme: *What did Jack do?*, David Lynch

89. 1 lista de livros: *A paixão segundo G. H.*, *Carne falsa*, *A trégua*, *Flores*, *Sangue no olho*, *A arte de desaparecer*, *Absolutamente nada* e outras histórias, *Nem vem*

90. “pensei: é um plágio se ninguém nota?”, Ana Martins Marques

91. 1 desenho da anatomia da língua

92. 1 cartão postal da Kamppi Chapel ou “Capela do Silêncio”

- 93. language.cont3xt.net + lasonora.org
- 94. notas da revista *Mousse* n. 46
- 95. 2 filmes: *A cor da romã* e *En rachachant*
- 96. notas de *O livro amarelo do terminal*, Vanessa Barbara
- 97. 1 sonho dentro do terminal Tietê + 1 sonho dentro do Instagram
- 98. uma pequena ficção seria uma historinha ou uma mentirinha?
- 99. 1 pergunta: *depois de chegar, para onde ir?*

flutuação n. 9: esgotar o possível e o impossível

A noção (ou o desejo de) esgotamento, bem como o título desta tentativa, surge da *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* (1975), de Georges Perec. Em operação típica da OuLiPo, grupo do qual participava, Perec se impõe a restrição de permanecer observando, durante três dias, desde um mesmo ponto de vista da cidade de Paris, na tentativa de registrar o máximo de acontecimentos *infraordinários* possíveis. Por sua vez, a presente tentativa se estende por quatro anos e acontece desde diferentes e incontáveis pontos de vista. Ainda assim, me aproximo de Perec, ao assumir a palavra “tentativa” enquanto motor. Tentar observar para tentar esgotar, assumindo a tentativa como ponto de partida e de chegada, ao mesmo tempo, pois, ainda que pareça ter chegado ao fim e exaurido todas as possibilidades, haverá de existir algo para esgotar. Exaurir, gastar e esgotar aquilo que parece ser inesgotável encontra lugar enquanto tentativa.

OuLiPo – acrônimo de “Ou” (*ouvroir*, ou “atelier”), “Li” (*littérature*, ou “literatura”), “Po” (*potentielle*, ou “potencial”) – surge em 1960, enquanto iniciativa do escritor Raymond Queneau junto ao matemático François Le Lionnais. Só em 1967 que Georges Perec passa a integrar o grupo, em nova fase, com a entrada de outros integrantes, como Marcel Duchamp, por exemplo. Queneau, enquanto dissidente do movimento surrealista, busca, com o novo grupo, algo oposto à escrita automática ao justapor a literatura à lógica e modo de operação ma-

temáticos. O principal ponto de orientação da OuLiPo é de que toda criação literária aconteça a partir de regras pré-estabelecidas, restrições – ou *contraintes* – que, ao contrário do que possa parecer, não seriam fatores limitantes, mas antagonistas à ideia de “inspiração” como ponto de partida da escrita, tida pelo grupo como uma prisão. Ao restringir, de início, as possibilidades por onde caminhar, proporciona uma abertura para tudo aquilo que pode existir dentro do caminho escolhido. Os integrantes da OuLiPo definiam suas restrições e experimentações como um rato que constrói seu próprio labirinto para ele mesmo sair. A ideia de esgotar algo está presente no cerne do *contrainte*: extrair o máximo possível a partir de uma fresta.

Retirar tudo, até não sobrar nada. É o que Perec parece tentar com seu gesto. Ele disponibiliza sua atenção ao redor de uma esquina e, ao longo de três dias, toma notas de tudo o que vê. A partir da restrição de tentar esgotar esse local, Perec lista coisas variadas, dentre as quais é possível elencar alguns grupos de interesse. Ao mesmo tempo, nota-se que não há regras fixas sobre aquilo a que sua atenção se dedica, pois, de modo geral, os integrantes da OuLiPo estabelecem restrições tão rigorosas quanto arbitrárias. Em *Tentativa de esgotamento*, são listadas coisas como:

coisas estritamente visíveis (letras, números inscritos em diferentes superfícies)

slogans

seres humanos
ônibus e suas linhas de trajetórias
cores
alimentos
afirmações ou percepções, como *limpar é bom,
mas não sujar é melhor* ou
*A maior parte dos embrulhos de doces tem a forma
paralelepipedal (tortas?); raros são piramidais.*
pausa, instantes de vazio
descrição de situações que observa (*homem/jovem/
mulher que passa...*) e outras que ele mesmo experi-
encia
Indicações de tempo e temperatura
dúvidas: *um spaniel?*

Perec “lança-se no vazio, minusculariza a realidade, dá valor ao ordinário e ao inútil. [...] o nada é infinitamente rico que nada pode esgotá-lo [...]” (SILVA apud PEREC, 2016, p. 9). Como esgotar tudo aquilo que pode ser visto? O que pode ser visto e experienciado por frestas de tempo (3 dias) e de espaço (uma esquina da cidade) delimitadas? “Forçar o corpo ao seu limite, o lugar ao seu limite. Estressar o sistema. Conduzir o conjunto a um estado crítico, até a fragilização da aparente estabilidade funcional e organizacional que envolve o lugar” (ibid.).

Se toda tentativa é um ensaio, o esgotamento conduziria um trajeto com expectativa de fim, o encerrar de um processo? O esgotamento desejaria acumular e explorar algo até exaurir todas as possibilidades? Esgotar um assunto até acabar, des-

gastar. Se a tentativa é um teste e não há nenhuma garantia nisso, o esgotamento não se encontraria no mesmo lugar? Testar esgotar algo ou *quando é que uma coisa acaba?*

O processo de uma tentativa de esgotamento está ligado à ação do acúmulo que, por sua vez, se aproxima de suas possíveis classificações, ou seja, das coleções, inventários, listas e enciclopédias. E se as categorias disponíveis para classificações não derem conta de abarcar toda a diversidade e multiplicidade do mundo, abrindo espaço para o inclassificável, afirmariam também o inesgotável? Ou seja, a impossibilidade de classificação caminhará lado a lado com a impossibilidade de esgotamento? Se para esgotar é preciso acumular e classificar, até que ponto é possível um esgotamento?

Coisas espalhadas, a serem reunidas, como modo de esgotamento. Essa dispersão também como característica do inclassificável: aquilo que pode ser inserido em vários lugares ao mesmo tempo, transitando, sem se fixar em nenhuma categoria. De modo semelhante à tentativa de esgotar uma cor e seus sentidos, conceitos e experiências: criando justaposições, agrupamentos, deslocamentos e desdobramentos em torno dessa cor, ainda sem poder esgotá-la.

Na ausência de critérios precisos e certos para a classificação, adotamos a aproximação. Uma aproximação possível entre essa cor e a imagem do ornitorrinco, um animal que instiga por sua

essência inclassificável, “considerado um puzzling animal” por possuir, simultaneamente, características de um ser aquático, de um pássaro e de um mamífero quadrúpede (MACIEL, 2009, p. 18). Essa cor como uma espécie de ornitorrinco, algo “inclassificável, estranho, extraordinário, original e inconveniente” (ibid.). Para classificar e esgotar algo que não se fixa com precisão em nenhuma categoria, cabe a invenção de novas categorias, novas estruturas, pois “onde falha a classificação advém a imaginação” (ibid., p. 19).

Ao *tentar esgotar* uma determinada situação, Perec busca construir uma espécie de inventário ao descrever minúcias, enumerar, mencionar, juntar e relacionar coisas. “As ironias da ordem” surgem em Perec como desejo de reorganizar e classificar, desafiando o caos ao estabelecer certos limites ao se aproximar da ideia da coleção. Colecionar: movimento que busca e recontextualiza coisas espalhadas pelo mundo, “empreende a luta contra a dispersão”, como escreveu Walter Benjamin (ibid, p. 26). A coleção como um modo de tentar esgotar algo.

Perec adota um modo de organizar sua coleção de dispersões, em *Tentativa de esgotamento*, como um inventário, que encontra na lista sua expressão narrativa. Listas costumam ser construídas para esgotar. Uma lista prática, por exemplo, tenta esgotar a memória: tudo aquilo que não podemos esquecer de comprar no mercado; tudo que não podemos deixar de fazer naquele dia, etc. É interes-

sante pensar que a lista foi “uma das primeiras formas de escrita de que se tem notícia nas civilizações alfabetizadas” (ibid., p. 28). Mas esta é só mais uma informação espalhada nesta tentativa.

Outro texto de Perec em estrutura de lista e, também, na afirmação da tentativa é a *Tentativa de inventário dos alimentos líquidos e sólidos ingeridos por mim no decorrer do ano de mil novecentos e setenta e quatro* (PEREC apud USHER, 2016, p. 21-25). Como sugere o título, Perec lista alimentos e bebidas, em uma organização não vertical, como usual em uma lista, mas em parágrafos, sugerindo uma fluidez de leitura narrativa ao classificá-los em grupos. A estrutura da lista possibilita esse tipo de maleabilidade organizacional a partir de contraintes próprios, por seu caráter tão arbitrário quanto subjetivo.

O último texto escrito por Perec, *Pensar/Classificar* (que integra e dá título a um de seus livros, com edição póstuma) mostra como as tentativas de classificação foram para o escritor um modo de compreensão de mundo, a fim de repensar e questionar hierarquias e normas do sensível. O texto é composto por agrupamentos de coisas semelhantes tanto em forma de lista quanto de perguntas sem respostas organizadas em tópicos. Esses tópicos são ordenados de modo a contrariar a rígida hierarquia do alfabeto – com humor típico de Perec – e se desenrolam a partir do “D)”, seguindo para o “A)”, para o “N)”, para o “S)” e, assim por diante, desestabilizando qualquer expectativa de ordem da parte

de quem o lê. No tópico “N) Perguntas”, Perec lança no ar (2008, p. 109-110):

O que significa a barra de fração?

O que me pergunta exatamente?

Se penso antes de classificar?

Se classifico antes de pensar?

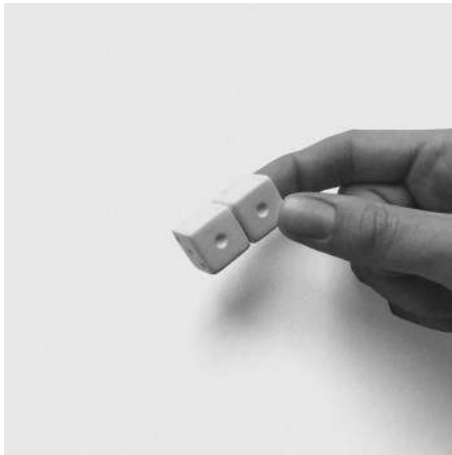
Como classificar o que penso?

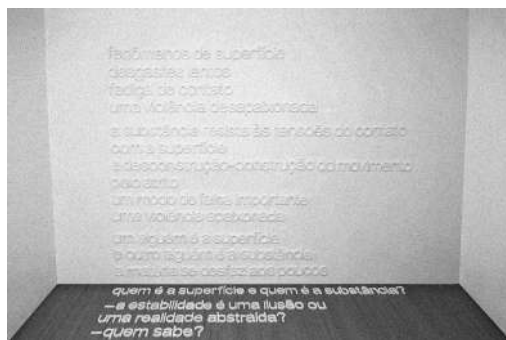
Como penso quando quero classificar?

Como esgotar o que penso?

Como penso quando quero esgotar?

flutuação n. 10: lista infinita





fenômenos de superfície
desgastes lentos
fadiga de contato
uma violência desapaixonada

a substância resiste às tensões do contato
com a superfície
a desconstrução-construção do movimento pelo atrito
um modo de falha importante
uma violência apaixonada

um alguém é a superfície
e outro alguém é a substância:
a matéria se desfaz aos poucos
quem é a superfície e quem é a substância?

– a estabilidade é uma ilusão ou uma realidade abstraída?
– quem sabe?



linguagem é deslocamento
de um lugar para o outro
as coisas são sempre vistas em relação a seu entorno
movimentar é retirar o ponto de articulação

é o mesmo que *entre*
de um ponto ao outro
do segundo para um terceiro
de volta para o primeiro
e assim por diante
o *entre* é a redução do pensamento original

é perder o sentido no deslocamento
falta sentido e falta lugar
não pertencemos a nenhum lugar
e a linguagem nos ajuda a lembrar disso

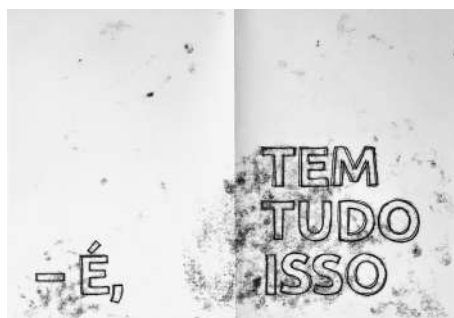
linguagem é dedução
entendimento
e julgamento
ou a falta de tudo isso

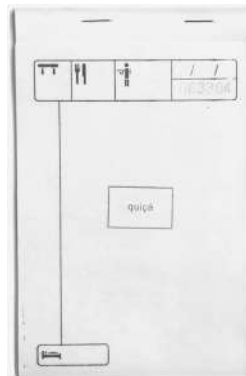
onde começa
onde termina
o que eu disse
o que você
entendeu ?

hoje vou experimentar a palavra talvez 오늘 나는 단어 아마도로 하루를 시작할 것이다 [11]

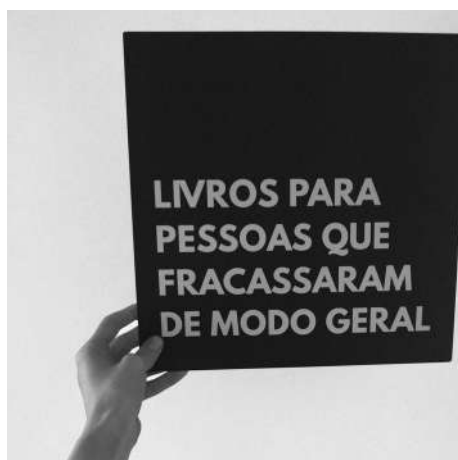


tente perceber devagar [12]





- Ou seja: por convicção ou conveniência.
- É isso mesmo.
- Aí está uma palavra que não fazia parte das nossas conversas: certeza.
- Vou te fazer uma pergunta. Poderia responder?
- Sim.
- Gostaria que fosse com total sinceridade.
- Muito bem.
- Diga-me, você espera conforto ou euforia?



Livros para pessoas que fracassaram mais que tudo
Livros para pessoas que fracassaram como ninguém
Livros para pessoas que fracassaram sem dúvida
Livros para pessoas que fracassaram sem hesitar
Livros para pessoas que fracassaram com fartura
Livros para pessoas que fracassaram violentamente
Livros para pessoas que fracassaram tanto
Livros para pessoas que fracassaram com alegria
Livros para pessoas que fracassaram de modo geral
Livros para pessoas que fracassaram de repente
Livros para pessoas que fracassaram de graça
Livros para pessoas que fracassaram em harmonia
Livros para pessoas que fracassaram com saúde
Livros para pessoas que fracassaram à vontade
Livros para pessoas que fracassaram em paz
Livros para pessoas que fracassaram prontamente
Livros para pessoas que fracassaram também
Livros para pessoas que fracassaram à toa
Livros para pessoas que fracassaram ao acaso
Livros para pessoas que fracassaram em silêncio



Jantar branco [16]

abre caminhos

rolinho vietnamita de nabo com molho cítrico de iogurte

abre alas

sopinha vichyssoise

carros chefe

peixe branco com cebolas sobre cama de creme de couve-flor

ao leite de coco, 'ninho' de pupunha, lascas de coco fresco

macarrão de arroz com leite de coco, broto de feijão,

pupunha, cebola picante, cubos de tofu, gergelim branco

sobremesa

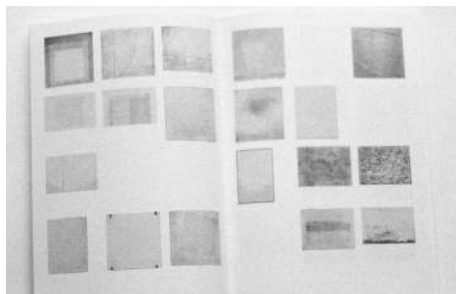
panna cotta com geleia de cupuaçu e 'pipoca' crocante de sagu

bebidas

horchata refrescante

taça de vinho branco

batidinha de coco



- 1 Josef Albers
- 2 Ellsworth Kelly
- 3 Célia Euvaldo
- 4 Ignasi Aballí
- 5 Paulo Pasta
- 6 Robert Ryman
- 7 Robert Rauschenberg
- 8 Marman & Borins
- 9 Jo Baer
- 10 Yves Klein
- 11 Sol LeWitt
- 12 Kazimir Malevich
- 13 Lucas Arruda
- 14 Piero Manzoni
- 15 Tomie Ohtake
- 16 Barnett Newman
- 17 Michael Rouillard
- 18 Roman Opalka
- 19 Ann Cathrin
- 20 Yayoi Kusama
- 21 Jasper Johns
- 22 Vija Celmins
- 23 Mel Bochner
- 24 Marina Rheingantz
- 25 Ettore Spalletti
- 26 Lucio Fontana
- 27 Ana Sario
- 28 Robert Ryman
- 29 Brice Marden
- 30 Piero Manzoni

- 31 Ad Reinhardt
- 32 Yasmin Guimarães
- 33 Productos Peruanos Para Pensar
- 34 Robert Ryman
- 35 Stephan Ballex
- 36 Karin Lambrecht
- 37 Hélio Oiticica
- 38 Mary Corse
- 39 Julião Sarmiento
- 40 Chris Succo
- 41 Bruno Dunley
- 42 Luiz Zerbini
- 43 Scott Nedrelow
- 44 Ethan Cook
- 45 Célia Euvaldo
- 46 Ann Cathrin
- 47 Jo Baer
- 48 Marman & Borins
- 49 Fischli & Weiss
- 50 Jorge Macchi
- 51 Ania Wawrzkowicz
- 52 Karina Wisniewska
- 53 Franziska Furter
- 54 Marco Antonio Mota
- 55 Juan Carlos Romero
- 56 Fabio Moraes
- 57 Rachel Whiteread
- 58 Natasja van der Meer
- 59 Amir Brito Cadôr
- 60 Mateo López

- 61 Felipe Cohen
- 62 Simon Schubert
- 63 Gilbert Jade
- 64 Michel François
- 65 Sophie Calle
- 66 Jade Gilbert
- 67 Ignasi Aballí
- 68 Tom Friedman
- 69 Waltercio Caldas
- 70 Félix González-Torres
- 71 Fernanda Gomes
- 72 Caroline Pagès
- 73 Ignasi Aballí
- 74 Ignasi Aballí
- 75 Ignasi Aballí
- 76 Gerhard Richter
- 77 Hiroshi Sugimoto
- 78 Mathias Heiderich
- 79 Thomas Rusch
- 80 Berndnaut Smilde
- 81 Eric Marrian
- 82 Olafur Eliasson
- 83 Luiz Camnitzer
- 84 Spencer Finch
- 85 Masao Yamamoto
- 86 Filippo Minelli
- 87 Mathias Heiderich
- 88 Ed Ruscha
- 89 Roman Opalka
- 90 Félix González-Torres

91 Fred Lyon
92 Thomas Rusch
93 Uta Barth
94 Bernard Plossu
95 Olaf Otto Becker
96 Ujin Lee
97 Raquel Stolf
98 Laura Vinci
99 Lucio Fontana
100 Hiroshi Sugimoto
101 Tom Friedman
102 Wolfgang Laib
103 Yayoi Kusama
104 Yvone Lacet
105 Su-Mei Tse
106 Louise Bourgeois
107 Tom Friedman
108 Hiroshi Sugimoto
109 Christo & Jeanne-Claude
110 Franz Erhard Walther
111 Robert Breer
112 Wolfgang Laib
113 Sol LeWitt
114 Ignasi Aballí
115 Olafur Eliason
116 James Turrell
117 Douglas Wheeler
118 Noriko Ambe
119 Roger Hiorns
120 Claudio Cretti

- 121 Auguste Rodin
- 122 Jean Arp
- 123 Louise Bourgeois
- 124 Maya Lin
- 125 Robert Breer
- 126 Robert Breer
- 127 Walter de Maria
- 128 Waltercio Caldas
- 129 Cerith Wyn Evans
- 130 Rebecca Horn
- 131 Ronald Bladen
- 132 Antony Gormley
- 133 Sol LeWitt
- 134 Anna Maria Maiolino
- 135 Liam Gillick
- 136 Marcel Duchamp
- 137 Lygia Pape
- 138 Martin Creed
- 139 Rachel Whiteread
- 140 Absalon
- 141 Henri Moore
- 142 Valeska Soares
- 143 Constantin Brancusi
- 144 Tracey Emin
- 145 Georgia O'Keeffe
- 146 Don Brown
- 147 Kiki Smith
- 148 Tokujin Yashioka
- 149 Valeska Soares
- 150 Valeska Soares

- 151 John McCracken
- 152 Tokujin Yashioka
- 153 John Mccracken
- 154 Anne Truitt
- 155 Fernanda Gomes
- 156 Sol LeWitt
- 157 Miriam Böhm
- 158 Robert Irwin
- 159 Hélio Oiticica
- 160 Edmund de Waal
- 161 Rebecca Horn
- 162 Tara Donovan
- 163 Antony Gormley
- 164 Tracey Emin
- 165 Marcius Galan
- 166 Chris Burden
- 167 David Hanes
- 168 Elmgreen & Dragset
- 169 Agostino Bonalumi
- 170 Jan Leirner
- 171 Vincenzo Agnetti
- 172 Jan Shoonhoven
- 173 Natasja van der Meer
- 174 Siobhán Hapaska
- 175 Ellsworth Kelly
- 176 Rosana Palazyan
- 177 Alighiero Boetti
- 178 Liang Shaoji
- 179 Jan Shoonhoven
- 180 Anish Kapoor

181 Nino Cais
182 Daniel Arshan
183 Noriko Ambe
184 Tom Friedman
185 Zeger Heyes
186 Dan Flavin
187 Agostino Bonalumi
188 Mateo López
189 Anselm Reyle
190 Anna Vinokurova
191 Chris Martin
192 Ann Agee
193 Hartmut Böhm
194 Angela de la Cruz
195 Jorge Macchi
196 Rosana Palazyan
197 Fischli & Weiss
198 Robert Rauschenberg
199 Fernanda Gomes
200 Marco Maggi
201 Rachel Whiteread
202 François Morellet
203 Hartmut Böhm
204 Dan Flavin
205 Mateo López
206 Daniel Arshan
207 Cerith Wyn Evans
208 Gabriel Sierra
209 Fernanda Gomes
210 Antònia Del Río

- 211 Olafur Eliason
- 212 Rachel Whiteread
- 213 Laura Vinci
- 214 Fernanda Gomes
- 215 Anish Kapoor
- 216 Sally Osborn





atravesse a superfície das coisas num mergulho e retorne à
certeza da imensidão

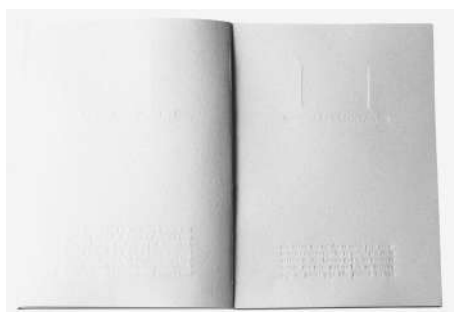
1. fecho aberto
2. miado
3. pescou na mesa do bar
4. fotografar um relâmpago
5. não adianta ir que já te vi
6. flores furtadas
7. banho de enxurrada
8. batom no dente
9. latido
10. aquele bocejo na palestra
11. uma estrela cadente
12. virou o pescoço quando passou
13. espiou de canto
14. rabisco de criança na parede
15. dedo no nariz
16. gemido
17. vento levanta saia
18. a hora de um pixo
19. ajeitou o cabelo atrás da orelha
20. jogou papel no chão
21. arrumou a postura
22. alça do sutiã escorrega
23. ruído de maçaneta
24. lágrimas no coletivo
25. caracóis que se amam no rodapé
26. a direção dos olhos atrás dos óculos escuros
27. chiclete em baixo da mesa
28. ex

29. verdura no dente
30. o molho de chaves quando retirado do bolso
31. mochila aberta
32. quando a nuvem toma forma de um animal
33. à noite, a parede espelhada, reveladora
34. conferir o cabelo no retrovisor
35. um beijo
36. cheiro de cigarro
37. sons de clique na madrugada
38. tropeço na calçada
39. o contragolpe no truque de mágica
40. um fecho de luz na moldura do retrato
41. o sinal adesivado da placa arrebatado pelo sol
42. dê erre de whatsapp no metrô
43. um furto
44. enxugou o suor
45. som de besouros chocando-se contra o vidro
46. bronca de mãe
47. cola da prova dentro da caneta
48. ônibus freou desequilibrou
49. nudes que não apagou
50. cara de má vontade no caixa do banco
51. coçou a cabeça
52. apitou a mensagem
53. copo escorregando da mão
54. leu na agenda antes de dar a ignição
55. à francesa
56. ajeitou a calcinha
57. clique da lata de cerveja
58. gato quando erra o cálculo
59. esbarrou a mão na dele no corrimão

60. fura-fila
61. morde a cutícula
62. mexeu no saco de pipoca no cinema
63. esmagou o pernilongo na parede
64. buraco de queimadura no casaco
65. uma cerca
66. lambe o beijo
67. radares detectores de velocidade
68. cortina soprada para fora da janela
69. cedeu o lugar reservado
70. estalou o dedo
71. barata que surge no meio da cozinha
72. quando acerta o golpe
73. pelo fora do lugar
74. paquera no transporte público
75. poeira
76. pum
77. um bilhete amassado no chão
78. mancha de café na toalha
79. sem sutiã e com frio
80. calça jeans caída no acostamento
81. um baseado
82. acaba de enroscar o bigode
83. a árvore que tombou e cresceu torta
84. aranha descendo do teto
85. limpou a testa com a manga
86. levantou os óculos da ponta do nariz
87. dar o bote
88. mastigar o canto da boca
89. a terra inchada da semente germinando
90. o suor das mãos

91. cadeado arrebitado
92. um fio de cabelo branco
93. fio do carregador mordido
94. a tremida do lábio
95. troco errado
96. cicatriz
97. um brinde
98. cofrinho
99. ponta do lápis quebrando
100. espirro





1º encontro: o encontro dos textos não-escritos

Tom Friedman, *sem título*, 1990

Ed Ruscha, *Your Space on Building*, 2006

Marcel Broodthaers, *Un coup de dés jamais n'abolira le hasard*, 1969

Raquel Stolf, *Lista de coisas brancas - coisas que podem ser, que parecem ou que eram brancas*, 2000

Mira Schendel, *Trenzinho*, 1965

Jérémie Bennequin, *Ommage*, 2008

Jorge Macchi, *Shy*, 2008

Richard Kostelanetz, *Disintegration*, 1975

Robert Rauschenberg, *Erased de Kooning*, 1953

Waltercio Caldas, *Matisse e Talco*, 1978

2º encontro: o encontro do desaparecimento

Gianni Motti, *Magic Ink*, 1989

Chris Burden, *White Light, White Heat*, 1975

Lai Chih-Sheng, *Life Size Drawing*, 2012

Anish Kapoor, *When I am pregnant*, 1992

Tom Friedman, *sem título (A maldição)*, 1992

Gabriel Sierra, *Marginalia*, 2011

Kasimir Malevich, *Composição Suprematista: Branco sobre Branco*, 1918

Jeppe Hein, *Invisible Moving Wall*, 2001

Roman Opalka, *Détail*, 1965-2011

3º encontro: o encontro das nuvens

Luis Camnitzer, *The Discovery of Geometry*, 1978

Gerhard Richter, *Cloud*, 1976

Waltercio Caldas, *A estória da arte*, 1995

Ronald Duarte, *Nimbo Oxalá Xangô*, 2012

Piero Manzoni, *Achrome 1*, 1961

Wong Kar-Wai, *frame de Amor à Flor da Pele*, 2000

Berndnaut Smilde, *Nimbus II*, 2012

Leonilson, *Se você sonha com nuvens*, 1991

Hiroshi Sugimoto, *Seascape Cascade River Lake Superior*,
2005



branco pintor
branco pipoca
branco baunilha
branco arroz
branco chantilly
branco suspiro
branco manjar
branco palmito
branco tapioca
branco leite
branco ovo
branco osso
branco padeiro
branco europeu
branco estivador
branco chinês
branco restaurador
branco artesão
branco minimalista
branco correto
branco mentira
branco ilusivo
branco memória
branco inspiração
branco brilhante

branco casamento
branco leve
branco sussurro
branco vazio
branco divino
branco neve
branco ostra
branco nuvem
branco concha
branco alfazema
branco gelo
branco lagoa
branco pérola
branco cristal
branco estrela
branco algodão
branco cisne
branco unicórnio
branco palha
branco marfim
branco natural
branco polar
branco ouriço
branco refrescante
branco arizona



Blanco do Brasil S/A. necessita de:

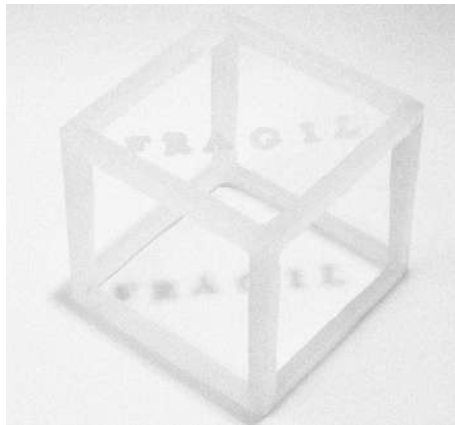
Analista de tons de branco

Temos vagas para profissionais que queiram se especializar no ramo da cor branca. É esperada visão absoluta e capacidade de identificar as diferentes nuances da cor branca.

Lugar de futuro e com boa remuneração.

Agendar sua entrevista pelo telefone (11) 9650-0153.





Ontem, meu bem, contei até cem

escolho um número bem alto
algo entre cem e mil
lembro *essa é a quantidade ideal*
ainda que não saiba
do quê

um ponto de partida
o primeiro momento introduz *um começo*
um ensaio *não conta*
de zero a cem
ou mil

palavras ou gestos antes das coisas definitivas

*

recomeço
zero
tudo começa pelo zero?
transplanto uma na vertical da terra
e brotam cem
ou mil
no mesmo lugar *estaciono* *sustento*
em pé por um cem
ou mil *tempos*

persisto no incômodo e
insisto para cima

*

mantenho uma cem
ou mil hastes
até que nada mais seja vertical
tudo seque e se esgote
insisto na vertical
agora de cabeça para baixo
cem ou mil hastes
penduradas para baixo
no teto da cozinha

flutuação n. 11: eu dei um grito e um rodopio mas você se distraiu

todas e todos que surgem no bloco

COR

[C. M., J. R., P. D., D. A., E., P. G., L. A., C. L. S., F. M., R. M.,
I. C., R. S.]

todas e todos que surgem no bloco

OUTROS

ainda que presente no bloco COR e/ou OUTROS,
repito e reforço

R. S., em abraços_____, -micro,
-tracejado, -migalha, -grão, -manhã-plana,
-plano (numa tarde nublada), -vento, -sol, -brisa,
-chuvisco, -trovoada, -2, -etc. -pouco, -sonâmbulo,
idem-branquito, -bruma, -virado, -ruído, -b, -infra-
mince, -fechando os envelopes,,,
por tudo e tanto

R. M., de zazie no metrô
a dormir na biblioteca

F. M., da barra funda ao ticen
alicerce para escritas

P. G., que chegou junto
desta tentativa desde
o meio dos cafés da manhã
e ao D. R. também

G. B., um cigarro no p. lage
primeiro abrigo na ilha
e além

C. L. S., tem tudo isso e
exercícios de imaginação
utópica

D. R. C., entre a profundidade e o nonsense
a gente faz o que pode

G. K. S. e J. M., na intuição
ou na paranoia
sempre perto

de repente
também ao M. A. M. e ao B. L.
sendo assim
de repente, repito R. S.

talvez, ainda que não leiam essas linhas
mas vieram antes de mim,
minha avó, N.
minha mãe, S.
meu pai, M.
e meu irmão, G.,
que veio depois

talvez,
ao meu gato, C.

e, talvez,
à temperatura da finlândia
também

flutuação n. 12: vai mais pra lá pra dar perspectiva

Tentar é começar?

Tentar é testar?

Tentar é rodear?

Tentar é desejar?

Tentar é insistir?

Toda pergunta busca uma resposta?

Todas as respostas já existem em algum lugar?

É possível ter completa certeza de algo?

Não chegar a lugar algum configura um trajeto?

Tentar é começar a confiar?

Fazer muitas perguntas é um modo de responder?

Fazer muitas perguntas é um modo de não responder?

É possível começar tendo certeza?

Toda ideia é uma tentativa?

Seria a ideia um plano e a tentativa sua execução?

Toda tentativa é efêmera?

Tentar é alterar o percurso?

Tentar é seguir pelo meio?

Tentar é perseguir uma ideia?

Tentar é abandonar?

Tentar é insistir pelo tempo?

Tentar é repetir?

Tentar é um giro?

Tentar é correr riscos?

Tentar é uma aventura?

Tentar é contar com a sorte?

Tentar é situar-se?

Tentar é buscar ordem no caos?
Seria o tumulto o começo de uma tentativa?
Seria o êxtase o fim de uma tentativa?
Tentar é esperar?
Tentar é não se importar com a falha?
Tentativas surgem nas extremidades?
Tentar é brincar?
Seria a mão um instrumento da tentativa?
Tentar é minimizar o tempo?
Tentar é minimizar o espaço?
Tentar é andar para a frente?
Tentar é desenhar movimentos?
Como um corpo tenta?
É possível tentar deitada?
Tentar é dizer sim?
Tentar é entre o sim e o não?
Tentar é abrir mão do controle?
Tentar é colocar-se frente ao vazio?
Tentar é equilibrar-se?
Tentar é uma utopia?
Tentar é um ciclo?
Tentar é aceitar?
Tentar é perder o medo?
Tentar é perder o controle?
Tentar é aceitar o absurdo?
Tentar é lidar com o inesperado?
Tentar é dar um salto?

Tentar é controlar riscos?
Tentar é fixar?
Tentar é suspender?
Tentar é ver o que pode acontecer?
Tentar é acompanhar?
Tentar é buscar?
Tentar é cair?
Tentar é cercar?
Tentar é chegar?
Tentar é circundar?
Tentar é ensaiar?
Tentar é entender?
Tentar é explorar?
Tentar é imaginar?
Tentar é ir?
Tentar é movimentar?
Tentar é perceber?
Tentar é procurar?
Tentar é provar?
Reduzir o olhar a uma fresta é esgotar?
Esgotar é forçar?
Esgotar é conduzir?
Colecionar é esgotar?
Colecionar é deslocar?
Colecionar é tentar esgotar?
É possível esgotar uma coleção?
Para esgotar, é preciso acumular?

Como esgotar o nada?
Como esgotar nada?
Como esgotar tudo?
Insistir é esgotar?
Persistir é esgotar ou tentar?
Esgotar é enxergar as coisas de um único ponto de vista?
É possível esgotar alguma coisa em quatro anos?
É possível esgotar um lugar em três dias?
Depois de terminar, ainda há o que esgotar?
Esgotar é encerrar todas as possibilidades?
Toda tentativa de esgotamento pede um ponto de partida?
Esgotar é extrair tudo o que puder?
Esgotar é gastar tudo o que se tem?
Esgotar é não sobrar nada?
Esgotar é desconstruir?
Como esgotar o nada?
Como esgotar tudo?
Esgotar é forçar?
Esgotar é estressar os sistemas?
Esgotar é fragilizar a estabilidade?
Os esgotamentos são incontornáveis?
Todo esgotamento acontece naturalmente?
Como saber se acabou?
As coisas têm um fim?
Um quase é um talvez?
Um talvez é um quase?
Quase nada é quase algo?

Quais possibilidades um quase carrega?
Quais possibilidades um talvez carrega?
O quase é diferente do nada?
O quase é a diferença do nada?
Chegar é sempre em algum lugar?
É possível chegar a lugar algum?
Em toda busca surge algo novo?
O que existe entre o que pode ser e o que pode não ser?
Existe uma língua que é sua?
O silêncio é por um triz?
A língua é por um triz?
A linguagem é por um triz?
A falha é por um triz?
O fracasso é por um triz?
Um provavelmente reúne todas as possibilidades existentes?
O que existe entre o possível e o impossível?
A certeza é imóvel?
As coisas mutáveis escorregam?
Toda pergunta vislumbra um ponto de chegada?
Quais os sentidos que utilizamos para perceber?
Como se orientar em meio à neblina?
Como escrever com os ouvidos?
Como escrever sem mim?
Se não fui eu, quem foi?
Se não foi você, quem foi?
Se não fomos nós, quem foi?
Como desaparecer por dentro?

Desaparecer é se ausentar?
Como desaparecer pelo espaço?
Dormir é desaparecer?
Desaparecer é pausar o cansaço?
O sono é uma tentativa?
Desaparecer é decidir não estar presente?
O sono é uma suspensão das tentativas?
Desaparecer é interromper?
Dormir em público é desaparecer por dentro ou para fora?
Como desaparecer pelo tempo?
Desaparecer é recusar?
Desaparecer é não estar disponível?
Desaparecer é recusar o outro?
Desaparecer é uma trégua?
Aparecer é sem trégua?
Desaparecer é uma indiferença radical?
Acender a luz para aparecer ou acender a luz para desaparecer?
Como desaparecer pelo excesso de luz?
Desaparecer por dentro é aceitar o que está dado?
Desaparecer e aparecer são movimentos em looping?
Desaparecer é anestesiarse?
Como desaparecer para dentro?
Perder tempo é desaparecer para dentro?
Desaparecer é esmaecer?
Desaparecer é deixar de esperar?
Desaparecer é perder as expectativas?
Desaparecer é esperar sentado?

Desaparecer é demorar?
Desaparecer é com calma?
Desaparecer é na superfície?
Desaparecer é abrir espaço?
Desaparecer é hábito?
Desaparecer é desde o vazio?
Desaparecer é atingir o vazio?
Desaparecer é estar invisível?
Desaparecer é fazer menos?
Desaparecer é não responder?
Desaparecer é resposta?
Escrever é falar sozinha?

flutuação n. 13: tirando nada, só me resta o compromisso

quase

Quase como um interstício, um intervalo da percepção ou compreensão para duvidar. Quase nada, *quase* algo, *quase* cheio, *quase* vazio, *quase* acabado, *quase* pronto. Quase é estar *perto de*, mas *ainda não*.

A residência *Enter Text*, em Haukijärvi, Finlândia, reuniu em 2019, escritoras e artistas visuais que trabalham com texto (ou *text based artists*). O plano: pensar e escrever a partir, sobre e junto à cor branca no inverno finlandês. Foi *quase* isso o que aconteceu. Uma tentativa em esgotar os sentidos possíveis (e impossíveis) dessa cor. A residência teve início no fim do outono com a paisagem amarela-marrom e *quase nada* de branco. Com o passar dos dias, o inverno se firmava, a temperatura diminuía e a cor branca dominava, cada vez mais, o lado de fora da janela. Uma paisagem *quase* pronta, como uma cenografia em construção.

talvez

O branco é a cor de um enigma. Algo não explicitado, de difícil compreensão ou apreensão; ambíguo. Uma coisa ou situação que se localiza (ainda que não fixada) em meio à neblina. Aquilo que, para perceber ou compreender, é preciso duvidar. E, se duvidar é também perguntar, as possibilidades podem, aos poucos, serem levantadas com questionamentos. Um movimento que se estrutura pela incerteza: *talvez*.

Em um movimento suspenso no tempo, pouco ou *quase nada* importaria saber se é pelo começo, pelo meio ou pelo fim o momento em que surge a incerteza. Quase impossível precisar quando uma paisagem *quase* fica pronta ou quando *quase tudo* ficou branco. Como perceber as coisas estando *bem no meio* de um nevoeiro? O enigma da cor – assim como do alcance da visão quando em meio a esse nevoeiro – pede cautela e atenção. A incerteza convoca a movimentos mais demorados.

Demorar: ficar, permanecer no mesmo lugar ou na mesma coisa por algum tempo. Uma precaução tomada para que seja possível perceber os diferentes aspectos de uma coisa, por mais tênues as diferenças *entre*. Entre uma coisa e outra: oposições, justaposições, nuances e contrastes. Se é também pela linguagem que nos localizamos, como perceber, pela linguagem, o que surge *entre* uma coisa e outra?

À medida que avançamos , (quem sabe?)
uma i-deia pode surgir nesta fala .
Não tenho ideia se isso vai acontecer
ou não.

parece que

Para seguir com as dúvidas provocadas pela cor são realizadas tentativas por meio de todos os sentidos. A multiplicidade sugerida pela cor branca presente nas tentativas de falar, escutar, entender e perceber. Uma tentativa em suspensão e também daquilo que se movimenta na sustentação do ar. Um giro *entre* o que eu falo, o que você entende, o que eu não falo, o que eu ouço, o que você ouve, o que você fala, o que você não fala e assim por diante. A cor branca enquanto algo que surge por espaços e lacunas em movimentos de inconstância e maleabilidade.

Nesses deslocamentos, a noção de clareza e a suspensão dos sentidos; algo *entre*; no meio do caminho; um *quase*. Aquilo que *quase* se percebe ou é *quase* percebido com facilidade. Talvez, algo que se estabeleça *entre* a confusão, o engano, o erro e a clareza total. *Quase*, que por definição quer dizer: da mesma forma que se, do mesmo modo que por assim dizer, não longe de, não distante de, muito perto de, muito próximo a, com pouca diferença,

por um triz que não. Algo *entre* o sim e o não; *entre* a certeza e a dúvida; *entre* ver e não ver; *entre* a clareza e a opacidade; *entre* o entendimento e a contradição.

Um *quase* entendimento, *talvez*, porque as palavras “[...] são pronunciadas pelo orifício superior do tubo digestivo, enquanto que são pensadas bem baixo” (NOVARINA, p. 30). No trânsito do entendimento e a pronúncia *entre* pensamento, som, ruído, boca e ouvido. “A boca fala, mas é a boca muda de baixo, voz abafada, que imita em pensamento os movimentos da boca, que lança, que pronuncia os sons em silêncio” (ibid.).

Parece que como limite na borda da incerteza, em flerte com a certeza. Um passo seguinte ao *talvez*, pois, quando algo parece que, uma nova camada de entendimento flutua no ar. Alguma opinião é estruturada ou alguma análise é construída, ainda que baseada em indefinições e indeterminações. Tentar, duvidar e buscar em meio à indeterminação da cor e daquilo que não é possível determinar:

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu.

(VILA-MATAS, 2010, p. 176)

Talvez aconteça sempre, ao buscar algo desejado e não encontrado (*quase*), de se encontrar algo novo. O desconhecido surge no desencontro: entre o que *parece que* buscava e o que *parece que* encontro. A cor branca possibilita um espaço de dúvidas para a/por meio da linguagem ao mesmo tempo que direciona a busca por caminhos. Entre o possível e o impossível, surge o indizível.

,
de estar
não estávamos
estamos tendo
lentamente
em lugar algum;
o prazer
em lugar nenhum.

Originalmente
e agora, de novo

(CAGE, p. 119)

tentar perceber

Entre silêncio, *nada* e *algo*, um *quase* por John Cage: 4'33". A partir do *quase* nos monocromos da série *White Paintings*, de Robert Rauschenberg, também em 1951, Cage concebe sua peça: uma suspensão por quatro minutos e trinta e três segundos. Um *quase* e não uma duração do silêncio. Silêncio, enquanto *algo* da ordem do neutro, na ideia cagiana, adquire um sentido de acúmulo no vazio. Assim, "4'33" não se entrega ao silêncio senão à condição de escutá-lo como valor cumulativo, murmurante, sussurrante, 'rumorejante': como 'tudo o que acontece' [...], mistura-se ao que existe e evoca o risco de ser" (TARTING, p. 203).

A suspensão do *quase* em que se "celebra a infixidez" (CAGE, p. 98). A cor branca enquanto um *quase*, apesar de remeter à dicotomia cheio x vazio, desvia do positivo x negativo e assume a oposição dos sentidos enquanto espaço *entre*. Um acolhimento de todas possibilidades existentes *entre*, ao escrever a *Conferência sobre nada* e a *Conferência sobre algo*. Para além da justaposição entre *tudo* ou *nada*, Cage opta por *algo*: persiste, mas não se fixa. Entre *nada* e as infinitas possibilidades de *algo*, ideias opostas, mas complementares. *Algo* como aquilo que existe ou pode vir a existir. Um *quase* ou um *talvez*.

Tentar perceber algo que existe, mas não se percebe de pronto ou *tentar perceber algo* que não existe, mas que pode vir a existir. A existência, ou a não existência de algo, desenhada, pela percepção mais do que pela realidade. *Tentar perceber* como um esforço de liberdade daquilo que os sentidos já conhecem. *Tentar perceber* as ausências presentes. Ou, como escreveu Beckett: “Nada é mais real que nada” (2004, p. 26).

, Lentamente , à medida que avançamos
não estamos chegando a lugar algum e isso é um prazer.

(CAGE, p. 118)

pode ser

No poema *Mencius: Teorema do Branco*, Haroldo de Campos indaga: “de quantos brancos se faz o branco?” (1985, p. 27). Uma pergunta ponto de partida sem que sequer exista um destino. Como quantificar algo que não tem limite e nem medida? Talvez, tentar encontrar uma resposta, ou uma direção à pergunta, se dê em um trajeto discreto, pouco perceptível, no qual as coisas vão surgindo, pouco a pouco, do mesmo modo quando algo é insinuado.

É possível que a tentativa de encontrar uma resposta para os (des)limites e (des)medidas da cor possa tanto se apresentar ou ser construído pelo vazio. E, se construído pelo vazio, quais seriam as ferramentas? Talvez, por meio de uma coreografia dos sentidos: desde o pensamento, à visão, ao tato, à audição e ao olfato. Sendo o vazio um elemento dinâmico, a mutabilidade entre fluxos de preenchimento e esvaziamento permite uma percepção escorregadia desses sentidos, entre *quase nada* e *quase algo*.

Orientação e desorientação, ao mesmo tempo, tal qual um

Eclipse, ponto cego, buraco negro, crepusvirginamento, crepusculação, síncope, branco no espaço, na percepção, branco dos sentidos, perder a língua, nuclear, jogar seus miolos, piorar, fazer a experiência, descer no sopro, na coluna de ar, descer no buraco da luz do tubo da coluna de ar, lesões experimentais, buracos de memórias, vazios de sentido, vertigens linguais, linguismo, generada perpétua, queda do sistema de reprodução, queda do sistema de ação, escrevo sem mim, como uma dança sem dança, escrevo renunciado, desfeito. Desfeito de minha língua, desfeito de meu pensamento. Sem pensamento, sem ideia, sem palavra, sem lembrança, sem opinião, sem ver e sem ouvir. Escrevo com os ouvidos. Escrevo pelo avesso. Ouço tudo. (NOVARINA, p. 28-29)

Poder ser e poder não ser expressa, ao mesmo tempo, um paradoxo entre a possibilidade ou não de um acontecimento, situação ou instante. Pode ser e pode não ser: tudo aquilo que pode existir ou se imaginar entre algo e nada.

começando a chegar em lugar algum .

Claramente estamos

(CAGE, p. 114)

É possível pensar que qualquer língua que não a sua seja o mesmo que *quase*. No entanto, também seria possível pensar que, ao usar uma língua que é a sua, ainda persistam ruídos e falhas, sendo esta também uma experiência do *quase*. Talvez, nenhuma língua seja sua de fato, mas *quase*.

Desse modo, o *quase* surge tanto em uma língua que é a minha quanto em uma língua que, ainda que não seja a minha, eu conheça. Assim, como seria com uma língua que desconheço por completo? Talvez seja uma experiência muito próxima do *quase*: *por um triz*.

É *por um triz* que *quase* posso experimentar uma língua que desconheço. A experiência do *quase* ao persistir na tentativa da própria língua, quando rodeada por línguas enigmas – como o finlandês ou o russo experimentados em 2019 –, seria um equivalente do silêncio, ou o impossível nas palavras. *Por um triz*, surge quando não é necessário recorrer à palavra. Ou, um modo de tranquilidade no impossível. “O silêncio impõe-se, então, na fuga da palavra” (LE BRETON, 1997, p. 77).

É imediatamente nos limites dos assuntos a que se refere, uma forma de discurso para além da palavra. É um poder ambíguo. O silêncio não se refere nunca a um significado permanente, os seus movimentos cor-

respondem à circulação social do sentido. Dando lugar a todas as possibilidades, [...] indecisão ou no mal-entendido quando as circunstâncias não permitem chegar a uma conclusão inequívoca. (idib., p. 75)

O silêncio enquanto uma experiência *por um triz*: o improvável acontece por uma diferença muito pequena entre o possível em relação ao impossível. O silêncio *por um triz* também não se fixa, se movimenta no intervalo das possibilidades existentes.

Como escreveu Vila-Matas, em *Ar de Dylan*, com o personagem que desejava filmar “a história do fracasso geral do mundo”, a partir da organização de um “Arquivo Geral do Fracasso” – fracasso inerente à impossibilidade de efetivação real do projeto: “Estava fracassando em sua tentativa de fracassar, não apenas de fracassar estrondosamente, mas fracassar minimamente” (p. 51). Se fracasso é a falta de sucesso, na experiência *por um triz*, para além das dicotomias, a falha surge como a falta de algo que não pode sequer ser definido ou indicado. Algo como uma falha da própria falha; a falha *por um triz*. *Por um triz* enquanto falha mínima, *infraordinária*, um *inframince*, que dura apenas uma faísca de tempo, em um microinstante. O silêncio enquanto uma falha *por um triz*.

Lentamente , à medida que avançamos
não chegamos em lugar algum e isso é um prazer
. Não é irritante estar onde se está . Só
é irritante pensar que seria melhor estar em outro lugar.

provavelmente

Para além das dicotomias entre uma possibilidade ou outra, *provavelmente* surge como tudo aquilo que pode ser ou pode acontecer. *Provavelmente* e todas as possibilidades existentes, desde aquilo que se pode comprovar com certeza até o que parece ser verdade, mas ainda restam dúvidas.

Provavelmente, a cor branca, em seu movimento contínuo, possa ser um espaço escorregadio, que derrapa e desliza, ao mesmo tempo em que dialoga com todas as possibilidades, sem se fixar em nenhuma. Espaço de falhas, erros, lapsos e enganos contemplados em algo que surge enquanto *provavelmente*.

Provavelmente talvez seja também sobre lembrar e esquecer, ao mesmo tempo, criando esses espaços de lapsos e enganos. Sem se agarrar em nenhuma certeza, *provavelmente* é o acontecimento de *alguma coisa*. Talvez, seja um movimento mais passivo ao se colocar disponível para alguma coisa que provavelmente – ou não – possa existir: “Alguma coisa deve cair. Na cabeça, na língua. [...] Alguma coisa deve cair. Depois, tudo está livre. É preciso anos para saber o quê. É preciso cavar o muro dos anos para saber que muro era esse” (NOVARINA, p. 42).

quem sabe

Quem sabe é o reconhecimento do não saber, isto é, assumir a ausência da certeza em relação àquilo que é perseguido a partir de uma desconfiança, hipótese ou suspeita.

E ainda que reconheça a falta de certezas, *quem sabe* é o estado de quem acredita em algo, ainda que seja o desconhecido. Não saber e não conhecer talvez seja o principal motor das tentativas: é pela ausência de certezas que o movimento acontece. Talvez, se acreditasse com muitas certezas em algo, permaneceria parada nesse lugar. Sigo em frente pela tentativa, pois, *quem sabe*?

“A vida inteira encontra-se, assim, coberta por palavras. Apenas com vinte e seis letras se dá nome a todas as coisas do mundo e se explicam os inteiros movimentos de todas as coisas do mundo. O que conseguiria, então, se o alfabeto tivesse vinte e sete letras?” (TAVARES, 2008, p. 23).

Nada mais que nada pode ser dito.

(CAGE, p. 111)

O resto é com vocês

Oi, XXX,
Tudo bem?

Durante o mês de novembro estou em Haukijärvi, na Finlândia, em uma residência artística. E, durante esse período, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. Essas histórias farão parte do bloco “cor”, da minha tese, a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é XXXXXX.

Te espero.

beijos,
Dani

Oi, Cláudia,

Tudo bem?

Durante o mês de novembro estou em Haukijärvi, na Finlândia, em uma residência artística. E, durante esse período, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. Essas histórias farão parte do bloco “cor”, da minha tese, a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é **TRUQUE**.

Te espero.

beijos,

Dani

Oi Dani,
vou pensar com carinho...pode ser qualquer, qualquer coisa? em qualquer espaço? envolvendo ou não outras pessoas? tem algum limite ou regra?
boa residência.

beijos,
Cláu

-

Oi Dani,
tudo bem aí?

Demorei, mas agora vai:

Minha proposta é que você passe alguns dias com a palavra (literalmente, metaforicamente, simbolicamente etc) e a leve para realizar ações durante 6 dias. A cada dia você e a palavra devem realizar uma ação, da escolha de vocês duas, baseadas, cada dia, em uma das diferentes acepções do termo: ilusão, mágica, artifício, armadilha, jogo, tática. No sétimo dia, vocês devem descansar juntas e me enviar qualquer tipo de registro de cada um dos dias (escolhem qualquer coisa que vocês queiram como forma de registro).

beijos mil,
Cláu

Como tentei responder ao truque da Cláudia:

dia 1: *ilusão*

Tentei perceber as ilusões que me acompanharam nesse dia.

Classifiquei as minhas próprias ilusões e, talvez, quem sabe, possam servir de parâmetro para uma classificação universal das ilusões.

A cor branca me sugere duas:

uma é a temperatura,

a outra é a língua.

faz zero graus lá fora (primeira ilusão)

I know what you mean (segunda ilusão)

dia 2: *mágica*

No encantamento, os órgãos enviam mensagens ou sinais de que estou viva.

Pele, pulso, cérebro, batimentos e o estômago, que constrói um mundo todo.

Escolhi alguém com quem me encantar e marquei um horário:

maybe 2 or 3 p.m.

Começou às 2 p.m. e durou até 9 p.m.

No meio de um domingo na finlândia, na esquina de um L (L era o formato do sofá).

Decidi me encantar porque prometi, mas percebi que não estava sozinha.

Não sei dizer se ele também decidiu ou se foi pego de surpresa.

Sentamos bem perto.
Quando perto demais, alguém mudava de lugar.
Quando muito longe, alguém se movia
de volta para a esquina do L.
Perceber o rosto todo vermelho, então
olhar para o rosto e não para o olho:
tudo bem perceber a testa, o nariz, o queixo;
é só não perceber tanto o olho.

A gente se olha, sorri e repete.
Para quebrar o encanto, alguém diz
algo engraçado só para poder gargalhar,
jogar a cabeça para trás e sair do feitiço.
Até a hora em que, lá pelas 5 p.m.,
você me olhou tanto, mas tanto,
enquanto eu falava, que quando parei de falar,
você disse:
sorry?

É, acho que funcionou pra você também.

dia 3: *artifício*

Hair ice, ou cabelo de gelo,
é um fungo que nasce na madeira úmida da floresta,
mas parece neve.

Falei quanto custava uma coisa em reais e
me perguntaram:
sorry, *hair ice*?

dia 4: *armadilha*

Encho a minha xícara de café, bem devagar.
Observo onde cada um já está sentado.
Escolho um lugar com uma cadeira vazia ao lado.
Quando você chega, e senta nessa cadeira,
é um sinal de que acertei.

dia 5: *jogo*

salad ball game é um jogo;
o jogo da bacia de salada.
Cada um escrevia em papeizinhos
e os outros tentavam adivinhar
em silêncio, com mímica.
Um dia, alguém derrubou a bacia de salada
no chão e nós não jogamos mais.

dia 6: *tática*

Na hora do jantar, alguém serviu o meu prato.
Sem que eu tivesse que pedir, serviu o dele e,
depois, o meu.
Foi como estar casada de novo.
Não digo que quando estava casada alguém
servia o meu prato de comida,
ou qualquer outra coisa sem que
eu tivesse que pedir.
Muito pelo contrário.
Mas é como poderia ter sido.

dia 7: *descansar*

Oi, Júlia,
Tudo bem?

Durante o mês de novembro estou em Haukijärvi, na Finlândia, em uma residência artística. E, durante esse período, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. Essas histórias farão parte do bloco “cor”, da minha tese, a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é **ABISMO**.

Te espero.

beijos,
Dani

dani, procurando seu e-mail eu vi que já tinha recebido algo seu em 2014. mas que por algum motivo nunca tinha lido. era uma programação do sesc vila mariana.

voltando pra 2019.

a palavra abismo me joga de imediato para este verso da patti smith para o bolaño:

o abrigo do poeta é a pele com bolsos de abismo
e pensei assim:

comprar um casaco velho e cortar os bolsos ou descosturar os bolsos de um casaco seu e fazer uma caminhada (o seu dia) onde tudo o que você colocar no bolso vai cair e ficar pelo caminho deixando esse rastro de coisas.

coisas que você vai perder.

depois mergulhada na adília lopes encontrei:

O abismo dentro de casa

A meio da casa havia um poço sem fundo mas não havia

perigo nenhum porque não vivia lá ninguém e ninguém ia lá.

um beijo,
se es quente,

Júlia.

Como tentei responder ao abismo da Júlia:

O casaco que me esquentava já tinha um dos bolsos descosturados. Uma brecha no tecido, para dentro, por onde passavam, no máximo, um ou dois dedos entre uma linha que continuava presa.

Sempre que acordava, eu estava bem no meio da casa azul. Sempre que acordava, ainda estava escuro. Sempre que acordava e ainda estava escuro, vestia meu casaco e, ainda sem tomar café, colocava a mão no bolso e entrava na cozinha. Sempre que acordava no escuro, de casaco e com a mão no bolso, no caminho do meio da casa até a cozinha, perdia minha língua, mas com um rastro dela, tentava pegar pela ponta do dedo, pela fresta descosturada, algo daquela língua que não era a minha, ainda sem ter tomado nenhum café.

Paloma,

pra terminar, quero te propor uma troca:
te dou uma dessas palavras e você me diz o que
fazer por aqui com ela
explico:

a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/
situação/experiência mínima a ser realizada por
aqui

A palavra é **ASSOMBRO**.

Te espero.

um beijo enorme
e obrigada pela dica,
o chocolatinho da fazer com sal
é mesmo uma delícia

Dani, assombro é uma condição do tempo presente, porque é o efeito dessas coisas que surgem da não-expectativa que desconcerta. Assombro entorta. Me diz: quais são as coisas que moram entre o pavor e o maravilhamento no seu ao redor? você consegue fazer uma lista?

(senta no ateliê quando anunciar escurecer, coloca Finlândia, do Sibelius, para tocar bem alto, e assiste o lago)

que bom que gostou do chocolate.
Cheguei mas não voltei. Que coisa!

Estou curiosa, um beijo

Como tentei responder ao assombro da Paloma:

- trocar *napking* por *kidnapping*
- pegar a bicicleta e seguir em linha reta até uma biblioteca
- o único autor brasileiro na biblioteca de Moujijarvi era Paulo Coelho
- palavras fora da língua
- paisagens que nunca ficam prontas
- sentir frio e calor ao mesmo tempo
- não encontrar o ponto exato de onde cai a neve
- um sonho: tropeçar para o alto
- se flor é uma palavra, vou te dar um broche escrito flor e uma flor dente de leão para lembrar que as coisas são uma bagunça o tempo todo
- se a gente sai e, depois, volta, a gente volta para lugar nenhum, porque já não existe mais dentro ou fora
- grande parte dos problemas da Finlândia aconteceu porque é muita terra para pouca gente
- estranheza, loucura e solidão são só palavras
- pinheiros cobertos de neve são lindos
- se o choro é universal, como chorar em finlandês?
- sobre *la tristeza*, Rilke, em espanhol
- la tristeza son momentos en que algo nuevo penetró en nosotros, algo desconocido
- es necesario tener mucho cuidado con el nombre que le damos a las cosas
- interpretar acontecimentos: invenção ou devaneio
- o que faço com a palavra assombro?
- viver as perguntas para que um dia, talvez, possamos

viver as respostas

- escrever seria um diálogo?
- se distrair olhando pela janela para não trabalhar
- *haunted* seria algo que surge da sombra. sombra não é o escuro, mas o outro lado da luz
- com uma luz muito forte a gente perde o contorno
- os insetos voam sem congelar as asas
- pequenos cadáveres com asas na sala de meditação
- matar uma mosca na Finlândia é mais fácil do que matar uma mosca no Brasil
- toca Finlandia (Op. 26), do Sibelius, bem alto e assiste o lago
- ficar oito dias em silêncio na Rússia
- Zoe se jogou na lata de lixo
- se a gente vai e não volta e as coisas não são substituíveis, onde a gente fica?
- se fui pra Rússia sozinha, eu poderia fazer qualquer coisa na vida?
- são muitos pronomes possessivos no português
- as escápidas como desejo de voo
- cabelos de neve e um fungo como cabelo
- origem da palavra paisagem e da palavra *landscape*: a vista é outra
- procurar o ponto exato do encontro do rio com o mar e não encontrar
- eu chorava e vocês riam
- o canto do cisne é um horror

- o que se desenrola no silêncio sozinha e no silêncio ao lado de alguém
- o mundo é muito grande
- minha vida poderia ser essa, aquela e muitas outras
- língua é um músculo forte que sente gosto e dá prazer
- existe uma diferença entre a cultura do *ask* e a cultura do *guest*
- Babel seria uma condição?
- histórias de cinemas desaparecidos e teatros que pegaram fogo
- ver até não ver mais, até desmanchar ou derreter
- logo mais não estarei mais por aqui, mas estarei aqui, você sabe, por aqui, ainda

Oi, Dani,
Tudo bem?

Durante o mês de novembro estou em Haukijärvi, na Finlândia, em uma residência artística. E, durante esse período, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. Essas histórias farão parte do bloco “cor”, da minha tese, a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é **RUÍDO**.

Te espero.

beijos,
Dani

Oi Dani!

Segue minha proposição:

RUÍDO - Ir para a biblioteca mais “silenciosa” da cidade durante 30 minutos. Perceber os barulhos sibilantes que lá acontecerem.

Beijos

d.

Como tentei responder ao ruído da Daniela:

Ruídos sibilantes I

Passos e cochichos de quatro pessoas.

Alguém abre uma mochila. Passos, cochichos e euforia de 5 pessoas. *tic tac*. Funcionária 1 vai e volta do balcão para a sala dos fundos.

A lâmpada pisca. Ouço passos:

acho que é a funcionária 1. Acertei.

Funcionária 1 conversa com a funcionária 2 na sala dos fundos.

Conversam bem alto para uma biblioteca ou para alguém que trabalha em uma biblioteca.

Quais os parâmetros de silêncio ao selecionar funcionárias de uma biblioteca?

A porta abre e me antecipo pensando que vou ouvir um barulho, mas nada.

Alguém pergunta *are you finished?*

Que parece muito com *are you finnish?*

Às vezes me atrapalho com essa pergunta, uma confusão para os ouvidos.

Respondo certo: *not yet*.

Ruídos sibilantes II

Livros arrastados pela prateleira.

Funcionária 1 cola etiqueta no livro e
funcionária 2 move livros de um lugar para outro
com passos arrastados.

Seus passos soam igual aos passos
que ouço na casa.

Um som que não é de sapato, mas de *slippers*,
um chinelo de frio ou uma pantufa.

Quase sempre acerto quem está chegando
pelo som da caminhada.

Atrito dos casacos de náilon enquanto as páginas
de um livro infantil se alternam em busca de mais
um texto em finlandês para fotografar com o
google translator e, depois, rir da tradução.

Risos com a tradução das *regras da raiva*
ou *anger rules*.

Funcionária 2 puxa um livro do carrinho
para devolver ao lugar certo.

Os livros tem lugar certo?

O cadastro dos livros pelo código de barras soa
um pin agudo, que se repete algumas vezes.

Não contei quantas.

De todos os ruídos, o maior é o do ISBN.

Elilson,

Durante esse mês em Haukijärvi, na Finlândia, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. E essas histórias farão parte do bloco “cor” da tese – a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período. Topa?

A palavra é **BORDA**.

Te espero.

beijos,

Dani

Olá, meu bem,

Claro, vamos nós, vamos lá.

BORDA: Seguir até alguma estação de transporte (ponto de ônibus, plataforma de metrô, estação de bikes... o que estiver mais próximo do corpo e do desejo de ação), e permanecer por uma hora na linha de embarque* - sem recuar, sem embarcar, preservando a segurança do corpo. Passada uma hora, retirar do bolso uma folha de papel e uma caneta e escrever por 1 minuto sobre a experiência.

* o ponto mais limítrofe entre espera e embarque, pode ser o meio fio no caso de pontos de ônibus, a faixa amarela no caso de trens ou metrô.

Beijos,

Ellison

Como tentei responder à borda do Elilson:

Me posiciono em pé, em frente ao ponto de ônibus. Suspendo o movimento e mantenho meus pés fixos, alguns passos atrás das marcas de pneu na estrada e alguns à frente do banco. O tempo que marca três horas e oito minutos. Sem embarcar, finjo que minhas camadas de roupa não me permitem sentir a temperatura que parece ser -10 graus. Sem embarcar, me sinto entediada. Experimento: percebo o céu, ouço os carros na rodovia, capto ruídos na ausência deles e noto os sons dos pássaros. Depois, penso rápido e demais em coisas que não vou contar. Crio uma nova regra: é proibido conferir quanto tempo falta. Antes de desistir, conto 60 segundos 10 vezes; conto até 300 2 vezes; passam 8 carros, 2 acenam para mim; 1 homem; 1 mulher; 1 ônibus na direção contrária; 1 pessoa a pé com 4 sacolas, sendo 1 a tiracolo, 2 no antebraço, 1 no ombro esquerdo e 1 livro na mão. Sinto minha mão e meu pé congelados. Li que morrer congelada é tão horrível quanto morrer queimada. Será que hoje o lago está mais congelado do que ontem?

Patri,

Durante esse mês em Haukijärvi, na Finlândia, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. E essas histórias farão parte do bloco “cor”, da tese, a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é **DOBRA**.

Te espero.

beijos,

Dani

Dani,
estamos a três dias da sua casa.

é claro que topo o desafio dessa troca!
a palavra Dobra: quais são as dobras da casa onde
você está?
você poderia listar todas elas?

Proposição de observação: voltar ao primeiro lugar
onde você esteve antes de entrar na casa, quando
você chegou e viu a cara da casa: percorrer a partir
da esquerda a casa inteira listando todas as dobras
que encontrar: onde é, como é, de que cor é e de
que tamanho é cada dobra dessa casa. a lista pode
ser feita com palavras e desenhos.

Proposição de dobra de proposição: nomeação:
durante o mês, dar um nome a cada dobra da casa
de acordo com situações artísticas, de amizades ou
de trocas e conversas com os demais residentes.
Como: quando acontecer uma dobra ou uma
desdobra que te tocar numa conversa/situação/
experiência, procurar na sua lista de dobras da casa
aquela que se parece com essa situação. A partir da
situação você nomeia a dobra da casa.

Eu vou.

beijos,
Patri.

Como tentei responder à dobra da Patrícia:

hall de entrada: *monocromático e resistente*

Sair da casa implica em calçar a bota,
vestir o casaco, as luvas, o gorro e,
ao entrar de volta, tirar tudo de novo.
Parei de fumar porque sou preguiçosa.

cozinha: *cintilante e disforme*

No primeiro café da manhã,
outra artista entra na cozinha.
Eu digo *HI* (assim, enorme) e ela responde
hi (minúsculo), como se estivesse sem voz.
Enquanto lavo minha louça,
entendo o recado quando diz
it's so quiet in here

No segundo café da manhã,
esse outro artista, tão bonito,
sentou na minha frente.
Me olhou bem nos olhos e disse
this is so nice
Sorri, perguntei o que era tão *nice*
e ele respondeu
your finger nails

sala: *aguda e corpulenta*

Salon night eram as noites de sharing process. Resolvi, em vez de tentar traduzir um texto meu para o inglês, compartilhar a minha voz gravada em português. Escutaram em completo silêncio, incômodo, estranhamento, e certo desinteresse por algo que não era familiar e nem confortável.

Share my process deveria ser mais agradável.

Também distribuí marcadores de páginas com classificações do fracasso.

Assumi os fracassos e incluí as traduções no verso.

Quando acaba o português, alguém encerra o silêncio e pergunta:

isso tá escrito em algum lugar?

(para tentar entender com o google tradutor)

Não, não tá escrito em lugar nenhum.

Mas tudo bem,

porque eu também nunca consegui pronunciar

a palavra

failure.

estúdio: *prismático e assoprado*

Uma parede separava o meu espaço do seu. Sua mesa ficava ao lado da impressora e da mesa de corte. Quando ouvia alguém chegando, dava a volta e buscava algum papel na impressora. Ao longo do mês, eu imprimir e cortei muitas coisas.

Olho o mapa e percebo que São Paulo fica só um pouco acima da sua cidade, só que do outro lado do Atlântico. Como as nossas mesas, aqui.
Se eu for te visitar, o avião faz uma curva.

Li,

Durante esse mês em Haukijärvi, na Finlândia, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. E essas histórias farão parte do bloco “cor”, da tese, a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é **DELÍRIO**.

Te espero.

beijos,

Dani

Dizem (sempre tem alguém dizendo algo) que o turismo é um tipo de delírio (eu estou dizendo agora). Procurei “O que fazer em Haukijärvi” nos mecanismos de busca contemporâneos e a resposta encontrada foi “Não há atrações nesse local”.

Todos os dias, até o fim da sua estadia, você vai escolher um lugar para ser visitado em Haukijärvi.

Faça um descritivo desse local justificando o porque ele pode ser interessante para alguém visitar.

Duas regras:

- não use adjetivos nessa descrição
- você deve ser convincente

Pode ser acompanhando de imagens, mas não é necessário.

Caso escolha usá-las há mais uma regra, não pode ter branco na imagem.

Eu já disse para você que Lívia significa pálida, de pele muito branca?

Como tentei responder ao delírio da Lívia:

*delírio é a perturbação inconsciente das faculdades mentais originadas por febre

a partir de Lydia Davis

Conteúdo geral das mensagens

tava com saudade
já tô com saudade dele
que saudade dela
saudade de coisa que fere mas faz bem
elas também devem estar com saudades
saudades do Brasil?
saudades de trepar com você
saudade docê
saudade de um funk
tô com tanta saudade
saudades, manda foto
a não ser que você não agüente esperar de saudade
estava com saudade de te ver aqui
#saudades
saudade de ver as caras de vocês
ele desabafou que tava com saudade
faz três dias que vejo o lírio aparecer, eu olho pra
ele e sinto sua falta, me dá saudade de ti
saudade do calor, do sol, do chico e de você
sp é maravilhosa, saudades

Estou morrendo de saudades. Te amo.
Tô com muita saudade
É saudade e fuso horário
Tô só com um pouco de saudade
saudade dos nossos cafés
saudade de você, querida
saudades já
foi de saudade mesmo
saudade volta logo
saudade da tua comida
deu uma saudade de você agora
saudade de acordar com você
Isso é saudade?
saudade de tu, magrelinha!
peguei dengue de saudade
acordei sentindo muita saudade
deu saudade e comecei a chorar
Saudade doida de você
faz parte dessa bosta de saudade agora

Classificações das saudades

1. Hipotermia: diminuição da temperatura natural do corpo.

Sp é maravilhosa, saudades

Isso é saudade?

2. Normal: temperatura do corpo sem alterações.

Elas também devem estar com saudades

Saudades do Brasil?

#saudades

Ele desabafou que tava com saudade

Tô só com um pouco de saudade

Saudade da tua comida

3. Febre: elevação da temperatura corporal. Surgem sintomas como arrepios, tremores ou vermelhidão do rosto.

tava com saudade

já tô com saudade dele

Que saudade dela

Saudade docê

Saudades, manda foto

Estava com saudade de te ver aqui

Saudade de ver as caras de vocês

Saudade dos nossos cafés

Saudade de você, querida

Saudades já

Foi de saudade mesmo

Deu uma saudade de você agora

Saudade de tu, magrelinha!

4. Febre alta: elevação da temperatura corporal anteriormente definida apenas como “febre”.

Saudade de coisa que fere mas faz bem
Saudade do calor, do sol, do chico e de você
Saudade de um funk
Tô com tanta saudade
a não ser que você não aguento esperar de saudade
Faz três dias que vejo o lírio aparecer, eu olho pra
ele e sinto sua falta, me dá saudade de ti
Tô com muita saudade
É saudade e fuso horário
Saudade de acordar com você
Acordei sentindo muita saudade
Faz parte dessa bosta de saudade agora

5. Hipertermia: elevação exacerbada da temperatura corporal. Deve ser considerada uma emergência médica e, por isso, a pessoa deve ser sempre avaliada por um médico.

Saudades de trepar com você
Estou morrendo de saudades. Te amo.
Saudade volta logo
Peguei dengue de saudade
Deu saudade e comecei a chorar
Saudade doida de você

Análise das saudades

Dentre as trinta e oito mensagens, todas foram escritas em primeira pessoa e dirigidas à segunda

pessoa (eu -> você), exceto quando presumem o sentimento de alguém, como “Elas também devem estar com saudades” ou mencionam terceiros, como em “Que saudade dela”, “Já tô com saudade dele” ou “Ele desabafou que tava com saudade”.

Foi possível observar a presença de palavras que remetem à temporalidade em seis mensagens. Algumas mensagens denotam certo imediatismo e demonstram uma temperatura elevada do delírio. Em duas delas, o advérbio de tempo “já” é utilizado (“Já tô com saudade dele” e “Saudades já”); em uma, é empregado o “agora” (“Deu uma saudade de você agora.”); em outra, a referência temporal de urgência surge por meio do verbo “esperar” (“a não ser que você não aguento esperar de saudade”). Sem tanta emergência, uma mensagem conta a passagem dos dias durante um delírio (“Faz três dias que vejo o lírio aparecer, eu olho pra ele e sinto sua falta, me dá saudade de ti”) e, por fim, a relação do tempo explicita a diferença de localização entre remetente e destinatário (“É saudade e fuso horário”).

Por falar em lugar, são três as ocorrências que fazem referência à localização. Duas vezes, surgem locais específicos: um país (“Saudades do Brasil?”) e uma cidade (SP é maravilhosa, saudades”). Na terceira, a localidade pode ser interpretada como uma sugestão poética, pois fala sobre “ver” em uma comunicação virtual à distância (“Estava com saudade de te ver aqui”).

Alguns temas possuem poucas ocorrências, como música ("Saudade de um funk"); temperatura ("Saudade do calor, do sol, do chiko e de você"); doença ("Peguei dengue de saudade"); alimentação ("Saudade da tua comida" e "Saudade dos nossos cafés") ou o uso de uma linguagem específica do ambiente virtual ("#saudades").

São quatro as mensagens em referência ao corpo, de modos bastante distintos: em tom amigável e debochado ("Saudade de ver as caras de vocês"); em comentário sobre a constituição física da destinatária ("Saudade de tu, magrelinha!") e em lembranças apaixonadas da presença física ("Saudade de acordar com você" e "Saudade de trepar com você").

Seguindo as menções à corporalidade, são seis as entradas que dizem respeito a um estado mental ou psicológico: mecanismos inconscientes ("Acordei sentindo muita saudade"); sugestão de perda da sanidade ("Saudade doida de você"); quadro depressivo e/ou melancólico ("Deu saudade e comecei a chorar") e aceitação delirante da dor ("Saudade de coisa que fere mas faz bem"). É lugar comum explicitar a saudade estabelecendo uma relação com a morte ("Estou morrendo de saudades. Te amo."), o que demonstra um estágio avançado do delírio, especialmente pelo encerramento da mensagem, com uma declaração de amor.

Cle,

Como já sabe, durante esse mês na residência, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é **ALIÁS**.

Te espero.

beijo,

Dani

A instrução veio por áudios de whatsapp:

ah, dani, deixa eu te falar: já pensei o que você vai fazer com a palavra. mas vou te falar depois. tô pensando melhor como te dizer isso. mas já tá pensada minha proposição pra você, tá? se prepare.

*

então, minha proposta pra você, com a palavra é a seguinte:

quero que você conte uma história, repetidas vezes, para alguém, quer dizer, para "alguéns", não quero que seja só pra uma pessoa, pro máximo de pessoas aí na residência, e depois, quero que você, depois que contar essa história, que você minta, que você invente. aliás, gostaria que você mentisse mesmo. que você sustentasse uma mentira, mesmo que pareça muito mentira, muito contraditória. essa é a minha proposta. depois conversamos.

um beijo.

dê notícias.

Como tentei responder ao aliás do Cleverson:

Soube que as mulheres finlandesas foram as primeiras no mundo a obter o direito ao voto, em 1906. Sendo assim, enquanto mulher, pelo simples fato de estar na Finlândia, a habilidade em manifestar a minha opinião individual a respeito de qualquer pessoa ou qualquer coisa que quero, ou que não quero, aumentou em 100%. Por ser mulher e estar na Finlândia, a habilidade em manifestar a minha opinião individual a respeito de qualquer pessoa ou qualquer coisa que quero, ou que não quero, evoluiu 100%, a ponto de ao estar em uma situação aborrecedora, embaraçosa, desconfortável, complicada ou incômoda, não precisar mais da mentira como modo de seguir sendo uma mulher agradável. Do mesmo modo, enquanto mulher que uma vez esteve na Finlândia mas já não está mais, a habilidade em manifestar a minha opinião individual a respeito de qualquer pessoa ou qualquer coisa que quero, ou que não quero, continua elevada a 100%, e seguirá no mesmo nível para todo o sempre, pelo simples fato de ter pisado em território finlandês, no qual as mulheres foram as primeiras no mundo a obter o direito ao voto.

Fa,

Durante esse mês em Haukijärvi, na Finlândia, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. E essas histórias farão parte do bloco “cor” da tese – a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período. Topa?

A palavra é **SENÃO**.

Te espero.

beijos,
Dani

Fabio se recusou a participar.

Re,

Durante esse mês em Haukijärvi, na Finlândia, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. E essas histórias farão parte do bloco “cor” da tese – a “Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos”.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período. Topa?

A palavra é **SENÃO**.

Te espero.

beijos,
Dani

Vou me apropriar de uma fala do Blanchot que sei que é da tua gangue pra te “propor” algo:

É preciso reconhecer que a modéstia predestinada, o desejo de nada pretender e de não levar a nada, bastariam para fazer muitas ações/situações/experiências. Fazer do tempo humano SENÃO um jogo, e do jogo, uma ocupação livre, destituída de todo interesse imediato e de toda utilidade. Não fazer nada durante uma hora que não seja mirar uma parede branca. Depois continuar a escrita.

-

Alguns dias depois, Fabio voltou atrás e resolveu participar, com a instrução a seguir:

-

Presumo que você viva em inglês, aí. Tire um dia e, sempre que estiver conversando com alguém (trocando a mínima palavra que seja, do caixa do mercado a uma possível comida), olhe no olho da pessoa e pergunte:

— Senão?

Preste atenção na reação de cada uma/um, e escreva sobre essa reação, sobre esse desentendimento.

Como tentei responder ao senão do Fabio e da Regina:

decifração:

analisar a neve recém-caída no solo (*fresh fallen snow on the ground*) sem precisar se explicar.

devaneação:

transportar a neve soprada (*blowing snow*) de um lado para o outro em uma conversa.

divagação:

caminhar ao acaso e, ao perceber a neve fofa e profunda no solo (*deep snow on the ground*), mudar de assunto.

exteriorização:

espelhar a tempestade de neve (*snowstorm*) enquanto lapso da fala.

fronteirização:

demarcar a linha divisória entre um floco de neve (*snowflake*) e outro, durante um desentendimento.

impossibilidade:

assistir a perda de força da neve derretida (*slushsnow*) atingir a desarmonia completa.

suspensão:

hesitar na neve caída flutuando na água (*fallen snow floating on water*) até que não reste nenhuma certeza.

Iam, querido,

Durante esse mês em Haukijärvi, na Finlândia, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei. E essas histórias farão parte do bloco "cor", da tese, a "Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos".

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é FÔLEGO.

Te espero.

beijos,

Dani

Como eu tentei responder ao fôlego do lam:

lam nunca enviou a instrução.

Oi, Raquel,

Tudo bem?

Durante esse mês em Haukijärvi, na Finlândia, me propus a escrever algumas histórias a partir de palavras que listei.

Resolvi te escrever propondo uma espécie de troca: te dou uma dessas palavras e você me diz o que fazer com ela. Explico: a partir dessa palavra, você me propõe uma ação/situação/experiência mínima a ser realizada por aqui, durante esse período.

Topa?

A palavra é SEM.

Te espero.

abraço-longe,

Dani

Oi Dani!!!

*Palavra recebida!

Vou pensar aqui na ação/situação/experiência
(SEM) para te propor.

(Pensando...)

abraço-trovoada,

-

*Dani, aí vai a proposição com SEM:

tentar escrever como quem caminha sem alvo,
tentar caminhar como quem escreve sin blanco,
e/ou vice-versa.

Como eu tentei responder ao sem da Raquel:

ver:

Tentativa de esgotamento de uma cor e outros desaparecimentos.

flutuação n. 14: fiquei no caminho, só faltou um pouquinho

BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita**. São Paulo: Escuta, 2001.

[Fig 1] Ben Vautier, *Il faut se méfier des mots*, 2011.

ALÿS, Francis. **Numa dada situação**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

[Fig 2] Francis Alÿs, *Tornado*, 2010.

BECKETT, Samuel. **Companhia e outros textos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2012.

[Fig 3] Richard Serra, *Hand Catching Lead*, 1968.

[Fig 4] Yvonne Rainer, *Hand Movie*, 1966.
O Equilibrista. Direção: James Marsh, 2009.

[Fig 5] James Marsh, *O Equilibrista*, 2009.

RAUL SEIXAS. **Como Vovô Dizia**. Rio de Janeiro: Som Livre, 1973.

MORAIS, Glaucis de. **O mar icariano no processo artístico de Bas Jan Ader**. Revista Carbono # Gravidade, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, 2013-2014.

VILA-MATAS, Enrique. **Exploradores do abismo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

_____. **Ar de Dylan**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.

PÉPIN, Charles. **As virtudes do fracasso**. São Paulo: Estação Liberdade, 2018.

[Fig 6] Bas Jan Ader, *Broken Fall*, 1971.

[Fig 7] Yves Klein, *Saut dans le vide*, 1960.
GARCIA, Marília. **Parque das Ruínas**. São

Paulo: Luna Parque, 2018.

_____. **Um teste de resistores**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

BRITTO, Paulo Henriques. **Formas do nada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MACIEL, Maria Esther. **As ironias da ordem: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

USHER, Shaun. **Listas extraordinárias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PEREC, Georges. **Pensar/Clasificar**. Barcelona: Gedisa, 2008.

_____. **A Coleção Particular**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

BLOM, Philipp. **Ter e manter**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BONNET, Jacques. **Fantasma na biblioteca**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.

ECO, Umberto. **Minhas Listas**. In: *Confissões de um jovem romancista*. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

[Fig. 8] Daniela Avelar, *um lance*, 2021.

[Fig. 9] _____, *na dúvida, repete*, 2020.

[Fig. 10] _____, *entre*, 2020.

[Fig. 11] _____ e Suji Han, *hoje vou experimentar a palavra talvez* 오늘 나는 단어 아마도로 하루를 시작할 것이다,

2019-2020.

[Fig. 12] _____, *tente perceber devagar*, 2019.

[Fig. 13] _____ e C. L. Salvaro, *é, tem tudo isso*, 2019.

[Fig. 14] _____, *quicá*, 2019.

[Fig. 15] _____, *O fracasso para aprender mais rápido*, 2019.

[Fig. 16] _____, *Jantar branco*, 2018.

[Fig. 17] _____, *Álbum*, 2018.

[Fig. 18] _____, *enigma*, 2017.

[Fig. 19] _____ e Marco Antonio Mota, *pequeno flagrante*, 2017.

[Fig. 20] _____, *Possibilidades da abstração*, 2014 - 2017.

[Fig. 21] _____, *encontros possíveis*, 2015.

[Fig. 22] _____, *Inventário branco*, 2016.

[Fig. 23] _____, *Analista de tons de branco*, 2015.

[Fig. 24] _____, *Desculpe a delicadeza*, 2009.

[Fig. 25] _____, *Frágil*, 2009.

NOVARINA, Valère. *O Teatro dos ouvidos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

CAGE, John. *Silêncio: conferências e escritos de John Cage*. São Paulo: Cobogó, 2019.

CALLE, Sophie. *Douleur Exquise*. Arles: Actes Sud, 2003.

KOPF, Alicia. *Irmão de Gelo*. Lisboa:

Alfaguara, 2018.

HERZOG, Werner. *Caminhando no gelo*. São Paulo: Paz & Terra, 2007.

DAVIS, Lydia. *Nem Vem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Tipos de perturbação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LE BRETON, David. *Do silêncio*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

TARTING, Christian. *Calar é uma narrativa*. Revista Arte & Ensaios, Revista do ppgav/eba/ufrj, n. 33, julho 2017.

STOLF, Raquel. *Espaço em branco: entre vazios de sentido, sentidos de vazio e outros brancos*. Dissertação em mestrado defendida na UFRGS, 2002.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPOS, Haroldo. *Educação dos cinco sentidos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BECKETT, Samuel. *Malone morre*. São Paulo: Códex, 2004.

TAVARES, Gonçalo M. *O Senhor Breton e a entrevista*. Alfragide: Editorial Caminho, 2008.

GABY AMARANTOS. Xirley. Rio de Janeiro: Som Livre, 2012.

PERLOFF, Marjorie. *O gênio não original: poesia por outros meios no novo século*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

PEREC, Georges. *Um homem que dorme*.

- Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.
- LE BRETON, David. **Desaparecer de si: uma tentação contemporânea**. São Paulo: Editora Vozes, 2018.
- CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. São Paulo: Editora Vozes, 2015.
- MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- PEREC, Georges. **Lo infraordinario**. Buenos Aires: Eterna Cadencia Editora, 2013.
- LEPECKI, André. **Coreopolítica e Coreopolícia**. Revista Ilha. v.13, n.1, p. 41-60, jan./jun., 2011/2012.
- MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. **Dicionário dos lugares imaginados**. Lisboa: Tinta China, 2013.
- [Fig. 26] retrato de Georges Perec.
- [Fig. 27] Mladen Stilinović, *Artist at work*, 1978.
- [Fig. 28] Song Dong, *Writing Diary with water*, 1995.
- [Fig. 29] Marilá Dardot, *Diário*, 2015.
- [Fig. 30] Spencer Finch, *Eleven Melting Snowflakes*, 2008.
- [Fig. 31] Christophe Verdon, *Disaparition*, 2012.
- [Fig. 32] Chris Burden, *White Light/White Heat*, 1975.
- [Fig. 33] Jérémie Bénnequin, *Ommage - À la recherche du temps perdu*, 2012.
- [Fig. 34] Ignasi Aballí, *Demonstrar (Nada)*, 2010.
- [Fig. 35] Sigurdur Gudmundsson, *Dancing Horizon*, 1970-1982.
- LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- PHILLIPS, Lisa. **Chris Burden: Extreme Measures**. Nova York: Skira Rizzoli, 2013.
- VILA-MATAS, Enrique. **Doutor Pasavento**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.
- WALSER, Robert. **Absolutamente nada e outras histórias**. São Paulo: Editora 34, 2014.
- [Fig. 36] Yves Klein, *La spécialisation de la sensibilité à l'état matière première en sensibilité picturale stabilisée*, 1958
- [Fig. 37] Tom Friedman, *A curse*, 1992.
- [Fig. 38] Andy Warhol, *The Invisible Sculpture*, 1985.
- [Fig. 39] Robert Irwin, *Experimental Situation*, 1970.
- [Fig. 40] Yoko Ono, *Danger Box*, 1966.
- [Fig. 41] Gianni Motti, *Magic Ink*, 1989.
- [Fig. 42] Robert Barry, *Closed Gallery*, 1969.
- [Fig. 43] Robert Rauschenberg, *Erased de Kooning*, 1953.
- [Fig. 44] Jeppe Hein, *Invisible Labyrinth*, 2005.
- [Fig. 45] Marcel Duchamp, *50 cc Paris Air*, 1919.

- A Aventura.** Direção: Michelangelo Antonioni, 1960.
- WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- DUCHAMP, Marcel. **Notes.** Paris: Centre Georges Pompidou, 1980.
- [Fig. 46] Chris Burden, *Disappearing*, 1971.
- [Fig. 47] Michelangelo Antonioni, *A Aventura*, 1960.
- [Fig. 48] David Antin, *Skypoems*, 1987-88.
- [Fig. 49] Robert Barry, *Inert Gas Series*, 1969.
- [Fig. 50] Hito Steryl, *How Not To Be Seen: a Fucking Didact Educational*. MOV File, 2013.
- [Fig. 51] Monty Python, *How Not To Be Seen*, 1970.
- [Fig. 52] Bas Jas Ader, *In Search of the Miraculous*, 1973.
- [Fig. 53] David Guarnizo, *Desaparecer al caminar*, 2015.
- [Fig. 54] Roman Opalka, *1965/1–∞*, 1965-2011.
- [Fig. 55] Art & Language, *Air-Conditioning Show*, 1966-7.
- [Fig. 56] Waltercio Caldas, *Matisse e Talco*, 1978.
- [Fig. 57] David Hammons, *Bliz-aard Ball Sale*, 1983.
- PERLOFF, Marjorie. **21st-century modernism: the “new” poetics.** Oxford: Wiley-Blackwell, 2002.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- ARANTES, Paulo. **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência.** São Paulo: Editora Boitempo, 2014.
- MERUANE, Lina. **Sangue no olho.** São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- NOVEY, Idra. **A arte de desaparecer.** São Paulo: Editora 34, 2017.
- BATAILLE, Georges. **Documents.** Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- RICHTER, Gerhard. **Atlas of the photographs, collages and sketches.** Nova York: D.A.P./Distributed Art Publishers, 1997.
- TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação.** Lisboa: Caminho, 2013.
- LIPPARD, Lucy. **Six Years.** Oakland: University of California Press, 1997.
- KOTZ, Liz. **Words to be looked at: Language in 60s Art.** Cambridge: The MIT Press, 2007.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário.** Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- HENZ, Alexandre de Oliveira. **Estéticas do esgotamento: extratos para uma política de Beckett e Deleuze.** Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2012.
- NOLL, João Gilberto. **Mínimos, Múltiplos, Comuns.** São Paulo, 2003.
- [Fig. 58] Yoko Ono, *Ceiling Painting*, 1966.
- [Fig. 59] Francis Alÿs, *Sometimes making something leads to nothing*, 1997.

eu vou samplear, eu vou te roubar!
(Gaby Amarantos)

flutuação n. 15: não fui eu

1. R. B. disse “oi, tudo bem? tenho um livro branco também”.
2. “Tudo branquinho por aí?”, disse L. F. A.
3. “Me convida para um chá de lírios brancos”, disse I. C.
4. “Podemos tomar um café qualquer dia”, disse M. M. e compartilhou o link de um espetáculo de dança cujo cenário é todo branco.
5. “Dani, é branca. Mais um elemento pra você trabalhar”, disse F. A.
6. “Olha lindo... imagine tudo isso branco e + branco...”, disse M. A. sobre um vídeo que ensina como fazer origamis.
7. “Bom dia olha a borboleta branca que fotografei.”, disse E. O. e enviou a foto de uma *piridae* branca rajada.
8. “animais brancos”, disse M. A. junto de um link com fotografias de casais nas quais o espaço vazio entre os dois remete à silhueta de animais.
9. A. C. P. disse: “Daniela, prazer. Achei muito boa essa homenagem que faz ao branco. Num mundo de tantos cinzas encobridores de cores”.
10. A. L. disse “acho curiosa esta relação com o Branco”.
11. “Vejo branco por tudo”, disse R. M. junto da foto de uma placa escrito “Blanco”, encontrada na rua.
12. “O Branco começou a me perseguir por sua cau-

sa. Rs.", disse S. V.

13. "Como assim seu roupão não é branco? Que farsa.", disse M. W.

14. "Me alegra que compartamos esa obsesión blanca", disse A. K.

15. "Sim, vi muita coisa branca no instagram! Hehe gostei", disse M. C.

16. C. A. disse "Branco sobre branco sobre branco sobre branco (ad infinitum)...".

17. "Seu áudio veio em branco", disse P. G.

18. "Falando em branco, deixa te falar...", disse C. L.

19. "Pensa num fundo branco, depois você entra, faz o vídeo, mas na capa do post fica branco", disse C. L. S.

20. J. S. disse "Baby, vá na nara roesler q tem uma sala com obras só brancas, lembrei de vc".

21. "Amiga, já viu a casa da Kim Kardashian? é toda branca", perguntou M. W.

22. "Lembrei de você!", disse S. L. e enviou uma foto da sinopse e legenda do trabalho *white on white*, do Maleonn, no Museum für Fotografie.

23. G. K. S. enviou a foto de uma pintura com vários tons diferentes de branco e disse: "Vi e achei que você ia gostar".

24. "branco no branco ;)", disse J. C., junto do registro de um bordado branco sobre tecido branco.

25. J. M. enviou o link para @svck.s composto por

imagens de coisas brancas fotografadas sobre fundo branco e perguntou “Já viu esse perfil?”.

26. F. A. enviou um trabalho feito com azulejos quebrados e disse “Não posso ver nada branco que lembro de você [emoji coração branco]”.

27. M. T. disse “Branco direto do sesc Ipiranga pra vc [emoji carinha piscando]” com fotos de obra de Fred Forest chamada *O Branco invade a Cidade*, de 1973.

28. “Olha a segunda série que aparece no feed desse boy. espaços em branco”, disse M. W.

29- G. S. disse “lembrei” e enviou a foto de uma instalação chamada efeito borboleta, que consistia em uma pilha de folhas de plástico bolha.

30. “Você está ligada na peça Branco?”, perguntou G. G.

31. “Amada, pensa vc no quarto branco. kkkkk. quarto branco do bbb tem que entrar na tese”, disse M. W.

32. M. R. enviou o link de um show chamado carta branca, no estudiofitacrepeSP.

33. G. B. enviou uma foto sua em frente ao luminoso vazio de um ponto de ônibus e disse: “mais uma obra de daniela avelar espalhada pela cidade de florianópolis. amamos, amiga. #streetart #arteinterativa #luminoso #luz #branco_branco_”

34. P. G. enviou uma foto de uma página de um livro e comentou: “o branco como prisão mental”.

35. Z. C. enviou um poema e disse “I was reading a book of poems by Inger Christensen who seems to

write a lot about the color white”.

36. P. G. enviou um trecho do romance *Uma duas*, de Eliane Brum: “o branco não é a soma de todas as cores, mas uma soma que subtrai o humano”.

37. A. L. disse “Um céu quase branco”.

38. “Vai mergulhar no branco!”, disse G. M.

39. “Vanish white life”, disse C. L.

40. S. W. disse “muitos brancos pra você [emoji de ovelha, emoji de nuvem, emoji de gelo, emoji de sopro, emoji de nuvem, emoji de arroz, emoji de copo de leite, emoji de envelope, emoji de círculo branco, emoji de quadrado branco, emoji de balão de pensamento, emoji de bandeira branca]”.

41. R. S. disse “feliz aniversário, felicidades clandestinas, saúde e energias em branco”.

42. “Um dia maravilhoso e bem branquinho pra você, linda.”, disse L. F. A.

43. “Um abraço” e “bom branco pra ti”, disse F. T.

44. R. A. disse “lembrei de você e os brancos” e enviou uma foto tirada por ele.

45. L. F. A. disse “hahahha, claro” junto da captura de tela de uma foto de neve que eu curti no Instagram.

46. A. T. disse “lembrei da experiência de comer e beber branco” e um registro do trabalho da J. S. comer e beber azul.

47. P. L. disse que eu iria gostar do livro pela deli-

cadeza em “descrever essa paixão pelo branco, se é assim que você se sente...[emoji de coração nos olhos]”.

48. B. M. disse que o título que pensamos para um projeto tem tudo a ver com o virtual e “com tua vibe branco/cinza”.

49. O. A. disse “lembrei de você” e enviou o link da matéria *Des chercheurs ont créé le blanc le plus blanc de l’Histoire*.

50. G. K. S. diz ter se lembrado de mim ao ler “uma tese de doutorado nada a ver e descobri um movimento social italiano que se chamava “macacões brancos” ou “Tute Bianche”. Enviou um trecho da tese.

flutuação n. 16: não foi você

51. C. L. S. disse que eu deveria zerar todas as imagens do Instagram para recomeçar o branco do branco.
52. P. M. enviou três fotos de alimentos brancos e disse que a cor branca é linda demais.
53. A. P. F. enviou a foto de uma estante cheia de livros brancos.
54. M. C. disse que só comprará ovos brancos daqui pra frente.
55. F. T. enviou a foto de um suporte de guardanapos de uma lanchonete.
56. S. L. disse ter se lembrado de mim ao ver a pintura *Natureza morta com produtos e objetos brancos* e perguntou se ainda poderia ficar me mandando coisa branca.
57. P. D. enviou uma foto de balas brancas e disse ter achado graça.
58. I. A. enviou a foto de seus azulejos brancos estufados.
59. M. F. enviou um “inventário em branco” das coisas brancas de sua casa: 12 mãos francesas 18 x 13 cm, 4 mãos francesas 45 x 22 cm, 1 tampo de mesa 80 x 50 cm, 1 tampo de mesa 1 x 1 m, 1 abajur, 1 fruteira, 3 portas, 12 interruptores, 1 modem, azulejos e paredes.
60. P. R. disse que tinha um tigre branco na saia que eu estava usando na foto.
61. R. G. enviou a foto de um gato branco.

62. M. W. disse que a expressão “blusinha branca” é o mesmo que “papas na língua” e fazia sucesso em sua cidade quando criança.
63. L. F. A. enviou a foto de um relógio branco e um emoji de coração branco.
64. M. W. enviou a foto de seu varal com roupas brancas penduradas: meias brancas, meias brancas, ceroula branca, camiseta branca, camiseta branca.
65. C. F. disse que nossas abordagens sobre o branco se tocam em alguns pontos, mas são diferentes.
66. K. C. enviou a foto da fachada de uma loja de roupas chamada só *branco*.
67. J. M. enviou a foto de uma kombi branca, coberta por neve.
68. F. S. enviou a foto de um guardanapo branco e declarou que em minha homenagem surgiria uma nova gíria: quando alguém estivesse prestes a pedir demissão, diria estar pesquisando o branco.
69. C. M. disse que a foto de um prédio todo branco é como a minha pesquisa em imagem.
70. F. S. enviou um pdf chamado *brancovivo_web*.
71. S. W. enviou o poema “Dois/ sujeitos ao absoluto do branco”.
72. G. B. disse que “branco” é quase a mesma palavra que “barraco”.
73. F. S. enviou uma matéria sobre a história da porcelana chamada *A vida em branco*.

74. T. J. enviou a foto de uma instalação composta por uma pilha de papéis brancos recortados.
75. A. P. F. disse não ter resistido me enviar um trecho de um livro sobre cor e processo criativo, mais um emoji com carinha mostrando a língua.
76. D. M. disse ter lembrado de mim ao ler *Moby Dick* e deparar-se com o trecho sobre a baleia branca.
77. A. K. enviou a foto, postada por M. C., de um muro amarelo descascado em cima da palavra branco.
78. G. S. C. enviou a foto de um poema que repetia a palavra “branco”.
79. J. M. enviou os versos “quanta clareza/ uma linha em branco/ não carrega certeza”.
80. D. A. disse que rave gótica era pura fantasia e que, na vida mesmo, era toda branca.
81. D. O. enviou uma foto de uma instalação toda branca, no Pavilhão da Romênia, em Veneza.
82. H. E. enviou o link do vídeo *A Glass of Milk*, de Jack Goldstein, do Instagram da Rivane Neuenschwander.
83. S. W. enviou a foto de divulgação da exposição *em branco*, na Pinacoteca de Jundiaí.
84. P. A. perguntou se eu também já tinha visto *Veronika Voss*, do Fassbinder. Disse ter se lembrado de mim pois o consultório da psiquiatra era de um branco reluzente.
85. J. M. enviou a foto de um gato branco dormindo

em cima de um livro chamado *Sinfonia em branco*.

86. D. G. disse que o livro *100 Whites*, de Kenya Hara, parecia ter sido feito para mim.

87. M. W. enviou uma foto de esculturas brancas do @jensjenshoffmann.

88. L. A. disse que achava que a comida do jantar na minha casa seria branca.

89. R. M. enviou uma fotografia do jogo de cartas brancas da artista Tomma Wember.

90. J. S. enviou um link do site do museu por ter lembrado de mim ao visitar uma exposição do artista Alberto Gil Cásedas, em Barcelona.

91. G. B. enviou uma propaganda cujo slogan era "Passe 2020 de branco. Passe cartão com a SumUp".

92. M. C. disse que o látex que usa para seus experimentos sonoros é branco.

93. D. R. C. enviou uma foto de cerâmicas e disse que nossa próxima parada é em Cunha, para ver bules brancos.

94. P. M. disse que há anos fez um clipe com uns cenários monocromáticos e um deles era branco.

95. C. L. S. enviou uma foto de uma sala vazia e disse que aquele era seu novo cubo branco.

96. G. B. enviou uma foto da tela do computador da K. N. que mostrava o Plano da Bicicleta Branca, em Amsterdã.

97. M. W. enviou uma foto de vários potes de sham-

poo e condicionador, todos brancos, para me desejar feliz aniversário.

98. L. F. A. disse ser um alívio que o relógio esquecido não seja branco, caso contrário jamais o recuperaria.

99. G. B. enviou uma imagem de um perfil no Tinder cuja foto era uma parede branca vazia, com a descrição “oportunidade de conhecer o que não se vê”.

100. C. L. disse preferir molho branco.

flutuação n. 17: não fomos nós

101. P. D. disse ter pensado em mim enquanto fazia ballet e olhava para uma parede branca. “Acho que fui aprendendo a te observar, a diferenciar os brancos”, e que a cada vez descobria um encardido diferente.

102. S. W. enviou a foto de uma maria mole. Disse que fez e lembrou de mim. Completou: “fiz a foto, não a maria mole rs”.

103. M. W. disse “Amiga, tudo nos faz lembrar de você”, junto do cartaz de show de uma banda chamada Páginas em Branco.

104. R. M. enviou a foto de um trabalho do Aníbal Lopes, que era uma pilha de folhas brancas. “O melhor, pra mim, dessa Bienal.”

105. P. L. enviou a foto da capa do livro *O caminho da porcelana: a jornada de uma obsessão*. Disse que começou a ler o livro e lembrou muito de mim e “das suas pesquisas do branco”.

106. R. S. enviou a foto de uma pilha de refis de papel e contou que, naquele dia, no meio dos refis, teve seu “momento fernanda gomes / dani avelar”.

107. H. V. W. enviou uma imagem do livro *Música Impopular* com uma declaração de Erik Satie, que só comia comidas brancas. Em um provável erro de digitação, disse “Li e entrei de você”.

108. J. M. disse “azulejo branco 15x15, vai?”. Alguns dias depois se desculpou por ter enviado também espelhos de tomada na mesma caixa, mas

achou que eu poderia querer, já que eram brancos.

109. L. W. enviou um trecho do livro *Sur le jadis*, do Pascal Quignard (“La semence initiale est plus blanche au moment se son jaillissement”) e perguntou se eu podia ler em francês. Disse lembrar de me ver conversar com T., mas justifica que ler e conversar são coisas diferentes.

110. J. M. enviou uma foto de sua janta, uma tapioca e um refogado de alho-poró: “quase tudo branco”.

111. A. L. enviou a foto de um trabalho meu e disse ter pensado “isso é muito Daniela”. Mas que quando pensou em enviar, “vi que a postagem era sua [emoji chorando de rir, emoji chorando de rir]”.

112. F. A. enviou várias fotos de pinturas monocromáticas expostas no Pompidou e disse ter lembrado de mim, pois eram “muitas obras brancas :)”

113. V. G. C. disse que se recusava a discutir com “uma doutora na cor Branco sobre como teria exatamente a mesma graça qualquer que fosse a cor”. Encerra com um pedido de desculpas: “PESEI A MÃO NA TROLAGEM DANI, sorryyyy”.

114. G. M. disse: “Isso me faz lembrar isso”. O primeiro “isso”, era um poema da Ana Martins Marques. O segundo “isso” era um texto do Merleau-Ponty. A palavra “branco” aparecia nos dois “isso”.

115. M. W. enviou a foto de uma página do livro *Como é que chama o nome disso*, de Arnaldo Antunes. O poema começava com o verso “eu apresento

a página branca”.

116. I. E. me convidou para participar de um trabalho dela cuja estética é toda branca e disse estar acompanhando meu Instagram, “especificamente os estudos com o Branco”.

117. I. M. enviou duas fotos: a primeira, do trabalho; e, a segunda, da legenda: Rodolfo Aricò, Anomalia bianca. “Achei em Lugano e lembrei do teu projeto.”

118. A. L. disse ser a primeira vez que “o branco não é protagonista nesse Instagram”, no dia em que o ex-presidente Lula foi solto da prisão.

119. V. G. C. enviou uma captura de tela do Photoshop, com dois quadrados de seleção de cor indicando a cor branca, dizendo que “um corriqueiro acontecimento me lembrou de você”.

120. D. G. disse “vai ser incrível pra você se deparar com as paisagens em branco da Finlândia” e me deu parabéns pela viagem.

121. J. G. disse “tá aprontani ela”. Perguntei se estava falando de mim. Respondeu que sim: “Hahaha vc com papel manteiga iluminado branco etcetc”.

122. E. M. disse ter vontade de tatuar um trabalho meu, “uma palavra em branco na pele”.

123. D. G. enviou uma foto de um colchão abandonado em Nova York, coberto de neve, com uma panela em cima. “@daniela.avelar_ encontrei essa caminha na rua e lembrei de você”.

124. M. W. disse “muito chique, amiga”, por conta da capa branca da revista Vogue Itália, de abril de 2020. Disse que sempre soube que eu iria longe. “Sempre acreditei em você. parabéns!!!!”.

125. G. B. enviou uma publicação de 2012, no Facebook, onde escreveu que todos estavam convidados. “Tem coisa minha no estudo sobre o branco. Brotem por lá e me mandem seus pareceres”.

126. V. G. C. enviou a foto de um trabalho em porcelana. Era um galho branco. Depois de um tempo, disse: “Avelar, te conheço.”

127. T. S. disse para aproveitar esse momento, pois “quem sabe tenha algo de branco ou esvaziamento nesse tempo”.

128 - S. W. enviou um texto que sublinhava, em azul, o trecho “Em seu livro *Album(s)*, de 2013, Sophie Van Der Linden defende essa nomenclatura - vinda do latim *albus*, que significaria ‘branco’. O termo *album* fora utilizado na antiguidade romana como sinônimo de um espaço coberto de gesso onde se escrevia o que se quisesse tornar público. Mais tarde, por volta do século XVII o termo *álbum amicorum* significava um pequeno caderno branco de viagem destinado a receber assinaturas ou sentenças.” Disse ter lembrado de mim ao ler “a dissertação do Odilon”.

129 - J. O. enviou a foto de uma escrivaninha branca, com luminária branca, cadeira branca, fone de ouvido branco e parede branca de fundo.

Escreveu sobre a foto: “Para a aniversariante do dia, um pouco de branco... @daniela.avelar_ [emoji de margarida]”.

130. J. M. enviou uma foto nossa, com um filtro branco nublando a imagem e escreveu: “hoje é dia da @daniela.avelar_ menina que amo de monte, que é do #brancobranco e que me acompanha em risadas e comidas há 14 anos, glória a deus!”.

131. J. L. enviou a foto de uma pilha de livros brancos sobre mesa e fundo da mesma cor e escreveu nas lombadas dos livros: “feliz cumpleaños! Avelar Beso [emoji de palmas, emoji de confete, emoji de bolo de aniversário, emoji de carinha feliz, emoji de carinha tímida]”.

132. P. G. disse ter lembrado de mim com algo que já estava em sua cabeça antes mesmo de ter se lembrado, quando abriu a esmo o livro *Pequena coleção de grandes horrores*, de Luiz Bras.

133. M. F. enviou a foto de um cartaz que dizia: “El libro más hermoso y el más perfecto del mundo es un libro con sólo páginas en blanco, de la misma manera que el lenguaje más completo es aquel que se extiende más allá de las palabras que un hombre puede pronunciar”. Era um trecho de *A nova arte de fazer livros*, do Ulises Carrión.

134. S. W. enviou foto de duas publicações chamadas das coisas que são vermelhas e das coisas que são douradas. Perguntou “e das coisas brancas?”

135. H. E. disse ter sonhado que nós esfregávamos

os azulejos da minha casa até que eles ficassem completamente brancos antes de uma festa começar. “Esse seu branco me invadiu”.

136. D. M. enviou um link para descargar en PDF, dado el aislamiento por cuarentena, de uma publicação chamada *blanco sobre blanco: miradas y lecturas sobre artes visuales*.

137. M. G. enviou os versos “poema de geometria e de silêncio/ ângulos agudos e lisos/ entre duas linhas vive o branco” e completou dizendo ter se lembrado de mim nos brancos dos poemas.

138. S. W. enviou um vídeo que ensinava a preparar um tapete de yoga com sal grosso, antes de usar pela primeira vez e disse: “você e os brancos, vai adorar cobrir seu tapete... vai ter até trabalho artístico em cima disso que eu sei”

139. L. F. L. questionou “ué, mas logo você de máscara preta?” e disse que eu deveria estar usando máscaras brancas.

140. A. T. disse “eu gosto do branco e uso muitas vezes” e, na sequência, enviou uma foto de um urso polar dizendo que acha as nuances da cor branca muito interessantes: “o urso é creme rs”.

141. T. G. disse “olha só” e enviou um sobre vulcões com uma sequência de fotos de “snow roller, also known as ‘snow snails’”.

142. G. K. S. disse que M. comprou seda e esqueceu no bolso da calça, que foi lavada. Ao esticar as sedas

brancas pra secar, “achei bonito e lembrei de você”.
Enviou uma foto das sedas penduradas no varal.

143. I. G. enviou uma mensagem dizendo que meu trabalho é muito lindo e delicado. Também disse que achou “muito instigante a investigação com o branco...”.

144. J. R. enviou duas traduções do Christophe Tarkos em capturas de tela: “fiz pq me lembrei de você”

145. G. V. enviou duas fotos de uma parede descascada e disse “pra vc [emoji de coração com brilho] kkk” e mais uma foto com as cascas caídas no chão dizendo “essa última acabou de acontecer kkkk”

146. J. M. disse que sempre espera as imagens em branco que posto no Instagram carregarem, “mas daí é só branco memo. rs”

147. J. R. disse ter começado uma lista de coisas brancas “pq seus posts que dispararam”. “Você deve ter colecionado todos, claro, mas enfim segue: neve, leite, sulfite, lua cheia, urso polar, nuvem, pus, sal, gohã, espuma, suspiro, jaleco de médico, faixa de pedestre, chantilly, pasta d’água, marshmallow, vaso sanitário, algodão, espírito santo, iogurte, táxi em são paulo, gesso, pasta de dente, massa corrida, pancake, queijo fresco”.

148. F. M. enviou o link do clipe *Got To Keep On*, The Chemical Brothers, no YouTube: “Desvio para o branco, da dupla de djs preferida da minha juventude anos 90.” Sugeriu mandar fazer um moletom branco igual para usar na defesa do doutorado.

149. F. M. sugeriu comprar o moletom mais barato que encontrar, pois “usar moletom branco em cidade que é pura poluição é perda de tempo e Sabão Omo”.

150. G. V. acredita que eu não devo mais aguentar tanta gente lembrando de mim, ainda assim, enviou registros de uma instalação toda branca e disse “mas aí vai kkkk”.

APARECER: do latim *apparecere*.

1. Declaração de contradição entre verbos, como em: *Aparecer e desaparecer. Como se estivesse obrigado a levar ao limite ambos os verbos.* **ver também:** alternância.

DESAPARECER: do latim *des-* + *apparecere*.

1. Verbo utilizado para descrever a história da civilização, em que primeiro desaparece Deus e depois a humanidade. **2.** Momento ou espaço no fim de uma linha que divide superfícies ou terrenos contíguos, correspondendo, em geral, ao limite do mundo, como em: *Se eu quiser ir além, terei que desaparecer.*

ver também: fora daqui. **3.** Estado de esgotamento provocado pela realização diária de atividade com sentido exclusivamente financeiro, resultando na perda total de sentido como em: *pensando na utopia da abolição do sentido, imaginei uma pessoa que não tentasse dar sentido ao absurdo, nem à vida, nem ao mundo, alguém que, por sua vez, imaginasse um sentido que viesse depois e para o qual seria preciso atravessar um longo caminho de iniciação, nada menos que o sentido em sua totalidade.* **ver também:** repetição.

flutuação n. 18: por dentro

Um movimento que nasce a partir de seu espaço interno, enquanto modo de desaparecer para si e de si mesma, ou seja, o mesmo que ausentar-se do que é externo. O movimento de fechar-se para aquilo que está fora seria possível por meio da tentativa de repouso dos sentidos, ou seja, pelo sono. Desaparecer por dentro, pelo sono, seria o mesmo que desaparecer de si a partir do momento em que você se fecha para o mundo.

O sono como desaparecimento cotidiano: seja quais forem os desenhos individuais e particulares dessa coreografia, ela é, de modo geral, repetida regularmente. Enquanto suspensão das tentativas que se desenrolaram ao longo do dia, dormir costuma ser a tentativa com a qual encerramos um dia. Desaparecer por dentro enquanto um modo de interromper temporariamente o fluxo das tentativas.

Se as tentativas também se estruturam pela repetição, o sono, enquanto interrupção ou suspensão deste curso seria, então, uma reação a estas repetições? E seria essa reação o cansaço? Se o cansaço se manifesta no desejo de uma ação que liberte tal sintoma, esta ação, ou seja, o descanso, teria no sono o seu espaço privilegiado?

Talvez como consequência da abertura do espaço para a pausa, a recusa ao imperativo da presença, conexões e movimento em regime 24/7 – vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana –: “O sono é a única barreira que resta, a única ‘condição natural’ que subsiste e que o capitalismo

não consegue eliminar” (CRARY, 2016, p. 84) e segue como único “[...] intervalo de tempo que não pode ser colonizado nem submetido a um mecanismo monolítico de lucratividade, foco de crise no presente global” (ibid, p. 20).

O sono estabelece um sentido de abertura do espaço por meio de uma experiência temporal distinta, uma espécie de corte da velocidade cotidiana, ou, até mesmo uma interrupção do próprio tempo, pelo espaço. Uma temporalidade contrária à lógica da produtividade, da velocidade centrada no capital.

Um Homem que Dorme (1967), de Georges Perec, narra a experiência de um jovem que decide se ausentar do contato com o mundo. Já no título, a indicação de como esse movimento se dá: pelo sono, ou, desaparecer por dentro. Tomado por uma crise existencial, o personagem, ao longo do livro, se ausenta do convívio social ao implicar-se em um estado de letargia, por meio de um não fazer, “não tem vontade de ver ninguém, nem de falar, nem de pensar, nem de sair, nem de mover-se” (op. cit., p. 16), até o ponto em que sua experiência de mundo se reduz ao seu próprio quarto.

Se a ausência do desejo de encontro surge no livro por meio da imagem do sono, o desaparecimento por dentro seria capaz de abrir, portanto, espaço para não querer, não aceitar, não obedecer, não permitir e não atender a demandas. Desaparecer é não estar disponível? Desse modo, o sono

garantiria “[...] uma espécie de refúgio para eximir-se da presença. Ele protege do engajamento em um mundo visto como excessivamente austero. Ele não se resume apenas em descanso, mas também em trégua” (LE BRETON, 2018, p. 54).

Se desaparecer por dentro surge como um modo de recusa, seria um movimento gradual rumo à desistência? Desaparecer é desistir? O cansaço teria o poder de suspender as certezas (tentar é duvidar?) o que pode levar a uma desistência radical de toda e qualquer tentativa. Uma indiferença radical quando a dúvida já não instiga mais o movimento.

Da indiferença à repetição, o personagem de Herman Melville, *Bartleby*, o *Escrivão*, repete, sistematicamente, “Eu preferiria não” a qualquer solicitação ou pergunta recebida. A recusa pela repetição provoca um mal-estar crescente. Ainda que publicado em 1853, o conto de Melville segue atual e foi ponto de partida para Perec escrever *Um Homem que Dorme*. “Perec diz ter escrito esse livro logo após *Les choses*, ‘em um período de minha vida em que, ao contrário, eu estava absolutamente indiferente a tudo. Não se tratava mais da fascinação, mas da ‘recusa’ das coisas, da recusa do mundo’” (ibid., p. 41).

Seria a indiferença e a recusa em “Eu preferiria não” também um movimento do desaparecimento pela linguagem? Seria possível pensar que a recusa por meio da linguagem tenha início com a ausência de conexões diretas, por meio dela, com o

mundo. A linguagem como o movimento de “esconder e desviar” (BLANCHOT, 2001, p. 59), ou um desaparecimento por dentro. Eu preferiria não: uma recusa pela insustentabilidade das relações para fora.

A indiferença não tem começo nem fim: é um estado inalterável, um peso, uma inércia que nada saberia abalar. [...] A indiferença anula a linguagem, confunde os sinais. Você é paciente, e não espera, é livre e não escolhe, é disponível e nada o mobiliza. Você nada pede, nada exige, nada impõe. Ouve sem nunca escutar, vê sem nunca olhar: as fendas dos tetos, as ripas dos assoalhos, o desenho dos ladrilhos, as rugas em torno dos seus olhos, as árvores, a água, as pedras, os carros que passam, as nuvens que desenhavam no céu formas de nuvens. (PEREC, 1988, p. 73)

Dentre muitos trabalhos de arte nos quais o sono é a ação estrutural, a performance *Artist at work*, do artista Mladen Stilinović, toca em alguns dos pontos levantados acima. Em 1978, Mladen Stilinović realiza a performance na qual dorme em uma galeria em Zagreb, na Croácia. Dada a provocação do título (“artista trabalhando”), na contradição entre enunciado e ação, qual é o lugar ocupado pelo desaparecimento? Reforçando afirmações propostas em seu manifesto *Praise of Laziness* (ou: *Elogio à preguiça*) o trabalho de Stilinović se aproxima das relações entre dinheiro, tempo e trabalho: “A

questão é como manipular aquilo que te manipula". A proposição de seu espaço íntimo – e um dos poucos ainda não cooptados pelo capitalismo – exposto em uma galeria, tensiona essa estrutura de trocas financeiras da arte. Por outro lado, ao mesmo tempo em que tensiona, é como se Stilinović assumisse, pela recusa da preguiça e indiferença do sono, sua impotência em uma possível batalha imaginada contra o capital.

Se a preguiça é uma forma de recusa, haveria diferença entre preguiça e cansaço? Partindo da ideia de que a preguiça gera ação (ainda que opere pela inação, quando recusa, repouso, paralisia ou inércia), o cansaço se estabeleceria enquanto reação à repetição. A expressão francesa "métrô, boulot, dodo" ("metrô, trabalho, dormir") sugere uma repetição monótona e exaustiva que resume o cotidiano da vida em uma grande cidade a um looping constante. A partir dela seria possível traçar um percurso, também em looping: repetição - indiferença - cansaço - sono - suspensão - preguiça - repetição - etc. Um movimento gradual de desaparecimento.

Afirmar-se enquanto artista e trabalhador, no momento preciso em que desaparece por dentro, é uma forma de recusa a esse desaparecimento gradual de si. Rejeitar o anestesiamiento da repetição constante de movimentos cíclicos desinteressados. Reforçar a importância da suspensão do mundo pelo sono seria negar a ideia de que "a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada,

e onde o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia do trabalho sem pausa, sem limites”, um tempo desumano, ou seja, um “tempo alinhado com as coisas inanimadas, inertes ou atemporais” (CRARY, 2016, p. 19).

Se no paradigma do desempenho as tentativas são marcadas pelo excesso de positividade (Yes, we can), desaparecer por dentro seria guiado pela negatividade da recusa que afirma: No, we can't (HAN, 2015). O cansaço surge como reação ao excesso de positividade das tentativas. Desaparecer por dentro se desenrola como consequência e corte desse cansaço. É o desaparecimento no cansaço.

O cansaço reage, transita, cresce e se desenrola pela indiferença, suspensão e repetição. Nesse trânsito, o cansaço instaura um movimento permanente de busca – que, paradoxalmente, provoca um excesso de esforço em tal procura. Um esforço circular, desviante, um rodeio, “estranha andada de caranguejo” (BLANCHOT, 2001, p. 72).

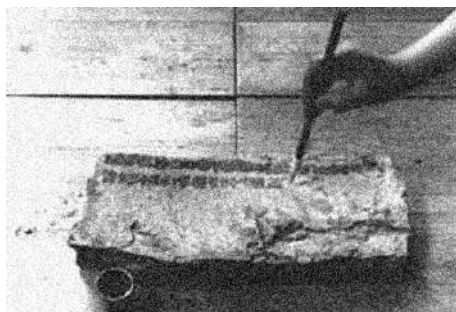
Mais precisamente, ele gira em torno..., verbo sem complemento; ele não gira ao redor de algo, nem mesmo de nada; o centro não é mais o ferrão imóvel, esta ponta de abertura que libera secretamente o espaço da caminhada. O desencaminhado vai em frente e fica no mesmo lugar, ele esgota-se na andança, não caminhando, não permanecendo. (ibid., p. 64)



GEORGES PEREC: um homem que dorme [26]

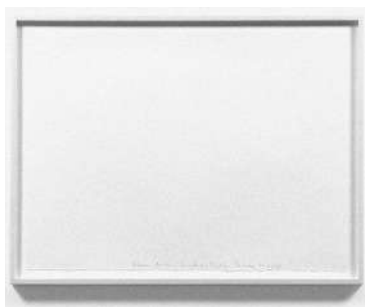


MLADEN STILINOVIĆ [27]



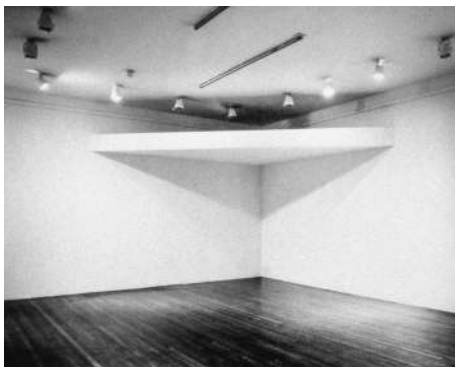
SONG DONG: escrevendo um diário com água [28]





SPENCER FINCH: onze flocos de neve derreteram [30]





CHRIS BURDEN: o artista desaparece dentro da galeria [32]



Feche os olhos, vire a mesa

uma criança com uma torre
uma torre de blocos
talvez
uma criança que constrói uma torre
para ser destruída:
alegria
pelos blocos que se espalham no chão
ou

um adulto com uma torre
uma torre de desejos
talvez
com gestos das mãos
como quem segura um objeto invisível
mostrando
nada

um adulto que constrói uma torre para desabar:
alegria e tristeza
no mesmo tempo

triste com a queda
mas muito contente pois
já sabia
como uma haste apoiada sobre a cabeça
alinhada ao horizonte
equilibra sua torre sobre um pé só

um adulto muito contente sem sua torre
contente com a certeza
sem dúvida
é sempre certo
de que tudo vai mesmo
desmoronar





flutuação n. 19: para dentro

Como exprimir essa mudança em uma única palavra?

Atenção. Mínima.

Uma única e bela palavra.

Mínima.

Ela é mínima.

Por isso o olhar persiste.

(BECKETT apud LAPOUJADE, 2017, p. 43)

O segundo movimento do desaparecimento: *para dentro*. Um movimento *para dentro* que se desenrola de modo lento. Um movimento no tempo que, com velocidade reduzida, propicia uma nova percepção também do espaço.

Ao direcionar-se *para dentro*, a temporalidade torna-se distinta do “mundo externo” ao esquivar-se do imperativo da permanência em estado de alerta intermitente. De volta ao personagem de Georges Perec: “Está sentado e quer apenas esperar, esperar apenas até que não haja mais nada a esperar: que venha a noite, que soem as horas, que se vão os dias, que as lembranças esmaeam” (1988, p. 19).

A repetição dessa ação inerte (“esperar”) sugere um prolongamento temporal no sentido de “aguardar”, estar à espera ou na expectativa de algo. O personagem espera sentado. “Esperar sentado” enquanto expressão que indica uma espera em algo pouco provável de acontecer. Somando isso ao fato de que ele espera “até que não haja mais nada a esperar”, como se buscasse esgotar a espera até não sobrar nada. Um ritmo diminuto em relação ao mundo estabelecido de dentro *para fora* – e não o contrário.

Ficar parada no mesmo lugar ou *fazer nada*: modos de desaparecer (e, também, perceber) pela interioridade, ou *para dentro*, sem ter que responder a nenhum estímulo externo. Ainda que o corpo físico esteja em repouso, movimentos seguem em seu espaço interior. A ilusão da necessidade de movi-

mento constante ignora algo essencial: permanecer parada exige movimento – ainda que imperceptível ou invisível – sendo, portanto, um desafio. Fazer nada enquanto espaço sem utilidade; ficar à toa. Nesse tempo lento e sem direção objetiva, abriria-se espaço para uma percepção mais interessada. A ativação da percepção seria o mesmo que requisitar toda a energia disponível para ficar apenas parada. “[...] Perceber não é observar de fora um mundo estendido diante de si, pelo contrário, é entrar num ponto de vista, assim como simpatizamos. Percepção é participação” (LAPOUJADE, 2017, p. 47). Percepção enquanto recepção e ampliação das impressões dos sentidos. Voltar a atenção para um pequeno fragmento; apreender um rastro do *infraordinário*: “[...] aquilo que desaparece é a preexistência de um mundo exterior comum” (ibid., p. 56). Seria o mesmo que insistir na atenção voltada para uma única coisa por muito mais tempo. Tentar desenhar novas perspectivas para que seja possível adotar diferentes pontos de vista em relação aos fenômenos que nos cercam, rompendo com as “atitudes naturais” e voltando “para as próprias coisas” (ibid., p. 46-47).

Determinar um ritmo ampliado para experimentar as situações, permitiria a demora em cada uma delas. Perceber com demora, olhar com demora, com calma. Uma atenção cuidadosa e demorada àquilo que Perec definiu como *infraordinário*: o que há de banal, comum, ordinário, habitual; uma espécie de ruído de fundo no cotidiano (PEREC, 2013, p.

14). Como se dar conta desse *infraordinário*, esse “barulho de fundo”, quando há tanto barulho na superfície? Perceber o *infraordinário* ao redor seria o mesmo que uma abertura de espaço para a percepção do banal, para além da superfície do espaço. Abrir espaço para apreensão do *infraordinário* demandaria a ruptura, ainda que por alguns instantes, da “percepção reduzida ao hábito” e do “empobrecimento sensorial” da atenção constantemente voltada para múltiplos estímulos, aliada à necessidade do desempenho e desenvolvimento excessivo de atividades (CRARY, 2016, p. 114). Seria operar em um novo estado de alerta, *para dentro*, onde o *infraordinário* se localiza.

Olhar com calma para perceber devagar o *infraordinário*. Perceber o que acontece quando nada parece acontecer. Como em *La spécialisation de la sensibilité à l'état matière première en sensibilité picturale stabilisée, Le Vide* (“A especialização da sensibilidade ao estado primeiro em sensibilidade pictórica estabilizada”), por Yves Klein, em 1958, exposição que consistiu em uma galeria vazia (exceto por um gabinete, pintado de branco). Partindo de uma discussão sobre limites e *deslimites* da materialidade pictórica, Klein definia o trabalho como “invisível, mas presente”. O convite da mostra buscava atrair o público para uma experiência de “síntese perceptiva”. Na época, a cobertura da exposição pela imprensa provocou grandes filas de espectadores atraídos pela curiosidade em encontrar algo

para olhar em meio ao vazio, como se não fosse possível que a galeria estivesse, de fato, vazia.

Entre percepção e imaginação, como falar de coisas que não existem? Talvez, para lidar com algo que nos solicita uma atenção demorada, seja preciso antes, convocar “[...] um olhar que, na contra-mão da ciranda de simulacros que povoam nossa vida na sociedade da hipervisibilidade” e, a partir disso, ser capaz de perceber “aquilo que Jean Baudrillard chama de ‘imagem-enigma’, imagem com uma qualidade ‘pensativa’ que procura exponenciar suas qualidades irreveladas, invisíveis e secretas, abrindo uma zona de indeterminação entre presença e ausência” (WISNIK, 2018, p. 141). *Para dentro*, entre presença e ausência, “ativando uma busca desejante das coisas que é mobilizada através da sua falta” (ibid., p. 299).

Duchamp descreve como *inframine* um conjunto de sensações ou qualquer outra coisa que, por microscópica que seja, possa ser experienciada por meio de uma percepção atenta. Sua presença no tempo é ínfima, beira o imperceptível e localiza-se, exclusivamente, no presente. Segundo Duchamp, o *inframine* poderia ser “o mais ínfimo dos intervalos, ou a mínima das diferenças” (DUCHAMP apud PERFLOFF, 2002, p. 101), trazendo à tona o plano de fundo e criando uma sobreposição aos ruídos do primeiro plano. No entanto, um *inframine* seria melhor elucidado com exemplos sensoriais que Duchamp reúne em suas *Notas* do que com uma definição pon-

tual, como por exemplo o momento exato em que alguém passa pela catraca do metrô, a esfregação de um tecido de veludo pelas pernas, um sabonete que escorrega ou reflexos da luz sobre diferentes superfícies, mais ou menos polidas.

Operando por tal desconfiança os trabalhos de Andy Warhol, *The Invisible Sculpture* (1985), e de Tom Friedman, *A curse* (1992), consistem em bases para esculturas completamente vazias. Existe algo para ser visto sobre esses pedestais? Em Warhol, o enunciado “escultura invisível” remeteria à fala de Klein sobre o “invisível, mas presente”. Entre presença e ausência, uma presença imaginada. Se algo apresenta-se vazio, seria por ter sido esvaziado? Talvez, o desaparecimento enquanto movimento sugira isso. Já em *A Curse*, como o título anuncia, o pedestal apresentado é uma peça amaldiçoada: o artista convidou uma “bruxa profissional” para lançar um feitiço sobre o espaço superior do pedestal, onde uma escultura seria posicionada. No entanto, a base segue sem nenhuma presença material real; é ocupada apenas por narrativas imaginadas.

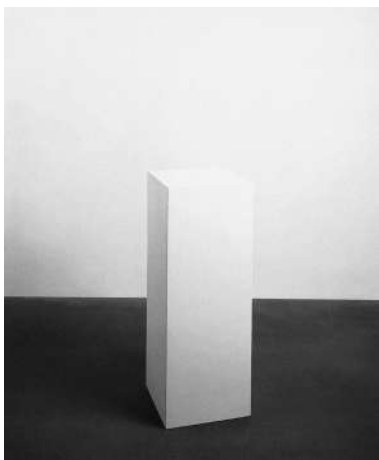
Três exemplos de trabalhos que operam, ainda que de maneiras distintas, por um convite ao espectador em estabelecer, uma nova modalidade de percepção dos espaços por eles delimitados, por meio do tempo. Ou seja, mais do que um convite, os trabalhos exigem um tempo dilatado para a percepção. Demorar na experiência ou “perder tempo”. E perder tempo, seria uma das principais coisas

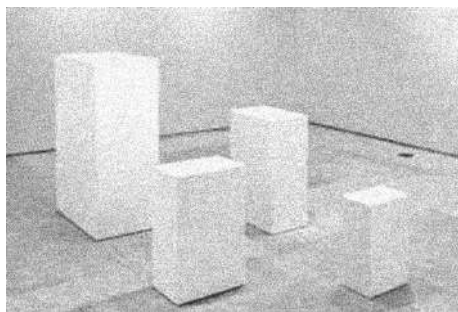
a serem evitadas na contemporaneidade, pois seria tudo aquilo que não tem utilidade ao capital, ou seja, oposto ao tempo do trabalho. Em uma busca rápida na Internet sobre sentidos de “perder tempo” surgem inúmeras listas de gestão de tempo e pessoas (tratados, muitas vezes, enquanto sinônimos) com regras para evitar “desperdícios” em sua rotina. E, por desperdício, o entendimento é de ausência de produtividade e rendimento. Nessas listas surgem dicas como “não perca tempo com distrações”, “acorde cedo”, “elimine a preguiça” ou “deixe a preguiça para as férias e olhe lá”.

Nesse sentido, *parar* e *estacionar* seriam ideias desagradáveis ao romper com o ideal de movimento constante, que pula de uma tarefa à outra, sem descanso. Como na *Ilha das Abelhas Atarefadas*, no *Dicionário de Lugares Imaginados*, repleta “de gente a correr para cá e para lá, sempre atarefada. Todos trabalham, ninguém tem um minuto a perder” (MANGUEL, 2013, p. 8).

Se *perder tempo* é um desperdício, seria um desperdício do quê? Se desperdiçar é gastar sem proveito, o que seria *aproveitar o tempo*? Seria o mesmo que *ganhar tempo*? Ou, *aproveitar o tempo* e *ganhar tempo* seriam coisas distintas? *Perder tempo* seria o mesmo que desaparecer *para dentro*. A falta de proveito, ou mesmo a inutilidade em demorar-se em algo, possibilita uma experiência que é impossível em maior velocidade. Demorar-se nos vazios para perceber o que está presente.

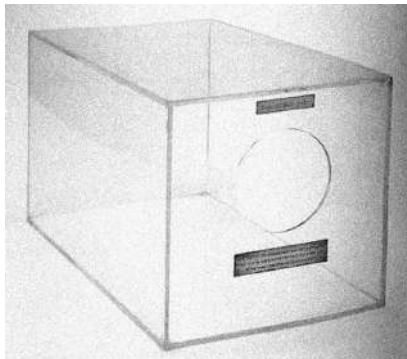




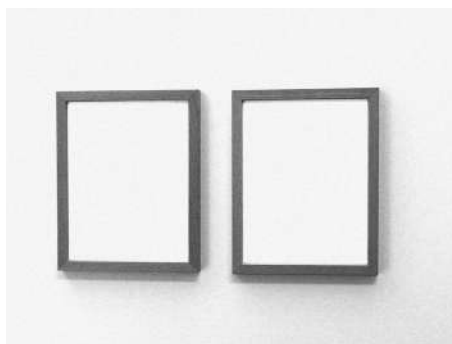




ROBERT IRWIN: a exposição vazia de um pintor em crise enquanto situação experimental [39]



YOKO ONO: assumir o risco e enfiar a mão em uma caixa vazia [40]







ROBERT RAUSCHENBERG: conhecido por apagar o desenho de outro artista [43]

Que quê há?

em uma conversa importante existem
duas portas
uma de entrada e outra de saída
entre elas um
labirinto invisível

ficar parada
no labirinto que te equilibra dentro da escuta (cavidade do corpo) ou
no labirinto que te desorienta (cavidade fala-escuta)
atenção para as pistas no caminho como
meu cansaço

*

uma conversa importante e triste
a Mulher translúcida
e a cada vez que ouvia
sendo bem sincero
ou
agora é sério
ou
sem brincadeira
prólogos que anunciavam
absolutamente nada
ela ficava mais transparente do que
50 centímetros cúbicos do ar de paris

a essa altura ela já não estava mais ali
tampouco estava em paris
o homem não percebe e continua
escuta
deixa eu te falar



JEPPE HEIN: um labirinto invisível [44]



MARCEL DUCHAMP: centímetros cúbicos de ar [45]

flutuação n. 20: para fora

Terceiro movimento do desaparecimento: *para fora*. Um movimento que não direciona mas sugere uma disposição espacial específica; *para fora*, um posicionamento no espaço estabelecido a partir do desejo por desaparecer. Talvez, esse movimento aconteça ao sair de um lugar em direção a outro. Desaparecer *para fora* enquanto deslocamento do corpo, que tem início com o movimento de andar ou caminhar. Desaparecer *para fora* e *para frente*, ao caminhar.

O desejo em desaparecer *para fora* – de modo semelhante quando *por dentro* –, enquanto reação ao exterior pela necessidade de pausa nas realidades físicas, emocionais ou mentais e mover-se a um espaço inacessível para outros além de si mesma. Em 1971, Chris Burden passou três dias “desaparecido”. Organiza seu próprio desaparecimento temporário e, ao retornar, Disappearing presta contas de sua ausência: “Desaparecendo. Dezembro 22-24, 1971. Eu desapareci por três dias sem avisar ninguém. Nesses três dias, meu paradeiro era desconhecido”. Um breve desaparecimento que faz questão de comunicar sua ausência, caso alguém não tenha notado. O desejo em desaparecer, isolar-se ou distanciar-se do mundo, e, ao mesmo tempo, a importância em reforçar sua presença. Uma contradição no trânsito do desaparecimento, entre aparecer e desaparecer: garantir que foi visto deixando o mínimo necessário de rastros pelo caminho para que sua ausência seja notada. Os gestos da apari-

ção tão presentes quanto os da desapareição.

Em consonância com a presente *tentativa de esgotamento de uma cor*, David Le Breton, classifica como “branco” o desejo, gesto ou estado de ausência de si, provocado por um sentimento de saturação das experiências vividas: “entre o vínculo social e o nada, ele desenha um território intermediário, uma maneira de fazer-se de morto por algum instante” (2018, p. 14). Ainda que de modo temporário, com duração pré-determinada, Burden cumpre a “tentação contemporânea” de retirar-se ou desfazer-se de si. Esse “branco” vem no desejo de suspensão da própria existência, algo entre uma “paradoxal vontade de impotência” e “deixar-se levar” (ibid., p. 15).

Sair daqui enquanto gesto central em desaparecer *para fora*. Em algumas biografias o artista Bas Jan Ader tem sua biografia resumida a “nasceu em 1942 e desapareceu em 1975”, referindo-se ao movimento radical de desaparecimento pela morte. *In Search of the Miraculous* foi construído em atos, tendo início com uma caminhada. A busca por algo milagroso, algo *fora daqui*, começa com uma caminhada noturna pela cidade de Los Angeles, em 1973, cujos registros em foto foram posteriormente expostos em uma galeria da cidade. O ciclo do trabalho, que nunca pode ser completado, aconteceria com outra caminhada noturna por Amsterdã, após cruzar o Atlântico sozinho em seu pequeno barco. Assim, interessa considerar as caminhadas de Bas enquanto os gestos de desaparecimento centrais do

trabalho e não o seu desaparecimento acidental no fim da vida.

Caminhar ou andar, seria o mesmo que mover-se *para* algum lugar. A caminhada implica deslocamento e direcionamento. Deslocamento de um lugar para o outro: do ponto atual a outro. Direcionamento para um novo lugar, diferente daqui: *para fora*, para frente. Ainda que essa caminhada não possua uma definição desse ponto seguinte é um gesto com intenção de chegada, mesmo que seja simplesmente chegar a algum lugar diferente do atual – diferente de uma caminhada sem rumo. A caminhada enquanto “um exercício lúdico e controlado de desaparecimento” (BRETON, 2018, p. 13).

Desaparecimento enquanto gesto de retirada ou suspensão pela necessidade de estar sozinha, fora dos encontros. A caminhada solitária como desaparecimento temporário que busca neutralizar, pelo período de sua duração, qualquer afetividade e implicação com o outro. A relação consigo é parcialmente suspensa na dedicação ao movimento com o corpo, atenção ao trajeto e a tudo que surge de inesperado, mesmo que o caminho seja conhecido.

Em *A aventura*, de Michelangelo Antonioni, a personagem Anna desaparece logo no início do filme durante uma viagem de barco com amigos e o namorado. A narrativa é construída a partir da busca pela personagem e todos os acontecimentos estão relacionados a esse desaparecimento sem ex-

plicações. Nas poucas cenas em que a personagem ainda aparece, demonstra sinais de descontentamento, com a relação amorosa e com os amigos, sem nunca falar ou debater tais sentimentos abertamente. O filme integra a “Trilogia da Incomunicabilidade”, de Antonioni, como se, ao se dar conta do impossível da linguagem, a única possibilidade fosse desaparecer.

Como analisou Vila-Matas, “À medida que avançava a história, a gente ia se dando conta de que a desapareição de Anna não era exatamente o mais importante, e sim a sensação de vazio, acaso e errância que movia os fios da [...] trama” (2009, p. 232). Na impossibilidade da comunicação, o escape pelo desaparecimento enquanto modo de comunicar a exaustão ou a desistência da implicação em determinada situação ou relação. *Sair daqui, sair andando*: ir embora, abandonar, fugir, dar o fora, desaparecer *para fora*.

Partindo do impossível da comunicação, a liberdade total desejada, conquistada por meio do desaparecimento, seria também um impossível. Logo nas primeiras linhas de *Doutor Pasavento*, de Enrique Vila-Matas, a seguinte pergunta é feita ao personagem principal, durante uma caminhada: “De onde vem sua paixão por desaparecer?”. Tal “paixão” como algo idealizado e imaginado, mas ainda não realizado. O desejo por desaparecer que se efetiva aos poucos, com o traçado de um plano estratégico. Enquanto o desaparecimento não

se completa, as caminhadas podem construir esse terreno. Esse desaparecimento *para fora*, como em *A Aventura*, instaura uma coreografia da busca, entre aparição e desapareção que mantém, de certo modo, as implicações da relação da qual quem desaparece está retirando-se. Como escreveu Le Breton, na lógica individualista de nossas sociedades “onde importa decidir sobre si e sobre seus valores sem que o vínculo social dite suas orientações, a liberdade é uma vertigem, e o sentido da relatividade da existência impregna o sentimento de si” (2018, p. 187).

Sair por aí como forma de “impersonalização”, de desaparecimento ao retirar-se das “obrigações da identidade e existir a mínima” (ibid., p. 26), uma tentativa em encontrar-se por fora das situações e poder encará-las como um observador sem implicações.

Disappearing
December 22-24, 1971
I disappeared for three days without prior notice to anyone.
On these three days my whereabouts were unknown.





DAVID ANTIN: aviões escrevem poemas no céu [48]



ROBERT BARRY: uma determinada quantidade de gás em uma área imensurável [49]



HITO STERYL: cinco lições (possíveis e impossíveis) [50]



MONTY PYTHON: para não ser visto basta não se levantar [51]

Não sei se sonhei ou se embarquei.

vontade de sumir no mundo
disse e
saiu andando em uma linha reta
in search of the miraculous
sem desviar

que lugar é esse
no mundo?
no meio para dentro
no fim para fora ou
no oco do mundo?

*

saiu andando porque
só aprendeu a olhar para fora
para frente e para longe
enxerga até a linha do horizonte
desaparecer desde el caminar
estou indo
sem saber se é de ida ou se é de volta
porque ao chegar
chega
não tem mais para onde ir
então de repente
não vou
não agora
quem sabe mais tarde

*

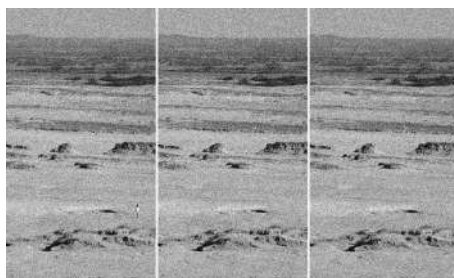
parada no lugar
olha para dentro
para os avessos do espelho
uma casa de espelhos que cega para tudo que há além
percebe muito bem de perto

quando olha para longe
é só o opaco do mundo
de tanto olhar o avesso
fica vesga

*

mas não foi esse o começo e nem o fim
parece que ninguém chegou
porque chega uma hora que
tanto faz
então
não vou





flutuação n. 21: por fora

Quarto – e último – movimento do desaparecimento: *por fora*. Estabelece uma relação temporal diretamente oposta ao desaparecimento *para dentro*: uma temporalidade experienciada de modo acelerado, sem a mesma consciência de seu transcorrer.

Desaparecer *por fora* seria o mesmo que estar presente fisicamente, porém, com a percepção e presença ofuscadas pela luz. Um movimento mutável que abre espaço para duvidar, instaurado pela ilusão dos sentidos. Deixar de ser visto e se deixar ser visto: neste último movimento, nada se fixa. Sendo a luz o fenômeno que nos proporciona a percepção daquilo que existe em nosso entorno, ao torná-lo visível, a luz como fenômeno que provoca uma temporalidade que nos retira do tempo presente e, como consequência, da percepção daquilo que se apresenta.

Entre estar e não estar: onde se encontra a imagem de um fantasma. Um fantasma, na crença popular, seria “alguém” que já não está mais fisicamente, mas retorna (ou permanece) em uma nova corporeidade, podendo ser visto ou ter a presença percebida por meio de manifestações (pela movimentação de objetos ou emissão de sons cuja origem não pode ser percebida, por exemplo). Ser capaz de enxergar um fantasma por meio das diferentes gradações e percepções entre luminosidade e escuridão. Surge nesse entre uma coisa e outra, uma imaterialidade por meio da qual a luz transpassa e torna o fantasma visível. Um movimento instável e não fixo do desaparecimento, na alternância veloz entre presença e ausência.

Uma suspensão entre o excesso de presença e a ausência total, tanto de si, quanto das imagens, representações e ficções de si. “Desaparecer de si” como tentação contemporânea, um esgotamento a partir de experiências dos excessos. As telas iluminadas – ou, “mecanismos de visão” – seriam os principais meios para o desenrolar de tais narrativas, ao provocarem uma espécie de cegueira causada pela velocidade da luz que, em vez de nos fazer enxergar melhor, o excesso de informação é gerador, cada vez mais de desinformação.

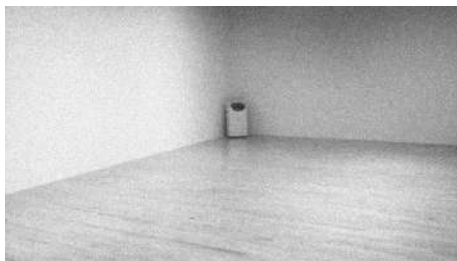
Nossa “presença” frente às telas luminosas nos distancia de estados de consciência no tempo e de percepção do real, pois o virtual pode exercer uma espécie de “efeito narcótico sobre o vínculo social fundado nos contatos; ele se afasta do corpo e de todas as responsabilidades ligadas a seu estatuto singular de pessoa, criando um mundo particular, com suas próprias regras” (LE BRETON, 2018, p. 101). De modo semelhante ao desaparecimento *para fora*, tal movimento *por fora* também diz respeito ao desejo de fuga ou de retirada dos vínculos. No entanto, quando *por fora*, esse movimento é feito sem que o seu corpo mude de lugar. Abertura de novos movimentos de desaparecimento a partir da tecnologia. Os vínculos tornam-se facultativos, pois “[...] a maioria das relações são descomprometidas; [...] são meios de estar presente sem estar, e de interromper uma relação a seu bel-prazer, simplesmente desligando a tela”. A partir do momento em que é possível “colocar a presença

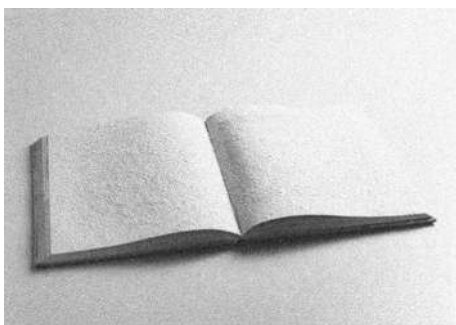
do outro entre parênteses" (ibid., p. 12) também se instala um novo gesto de desaparecimento: como uma brincadeira de criança, um esconde-esconde, em que eu deixo de existir a partir do momento em que o outro não pode mais me ver e vice-versa. "O virtual não é um nada, mas antes uma ausência ao mundo das relações sociais próximas em benefício das relações digitais, portanto, sem voz e sem rosto" (ibid., p. 98).

Tais movimentos sempre ligeiros indicam pressa, urgência e impaciência com o desenrolar das coisas. O movimento *por fora* estabelece um processo na velocidade pela aceleração com o desenrolar das situações experienciadas. Uma velocidade do movimento que suspende a percepção de tal modo que nem a gravidade nem a levitação podem ser percebidas. Sentir o peso do deslocamento como antítese do excesso de velocidade. Um tempo "no qual as coisas que desaparecem nunca passam porque a desapareição não é o destino de todas as coisas, porque estamos no interior de uma cadeia de repetições em que as vozes de múltiplos sujeitos que nos antecederam nunca cessam de falar" (SAFATLE apud WISNIK, 2018, p. 143).

De tão acelerado e imerso em um giro de repetições, pelo mesmo modo de operação, o gesto do desaparecimento *por fora* mal pode ser percebido. O futuro enquanto temporalidade alvo do desaparecimento *por fora*: um olhar fixo em um horizonte de expectativas e um movimento também de fuga *para frente*.









DAVID HAMMONS: vender bolas de neve, em pleno inverno, seria um golpe? [57]

Onde é que eu estava mesmo, meu amor?

a Mulher queria muitas coisas pequenas
e outras grandes
um minúsculo *sim*, de Yoko Ono,
escrito no teto
o homem queria poucas coisas
muito grandes
um grande arco, de Richard Serra,
feito de aço corten

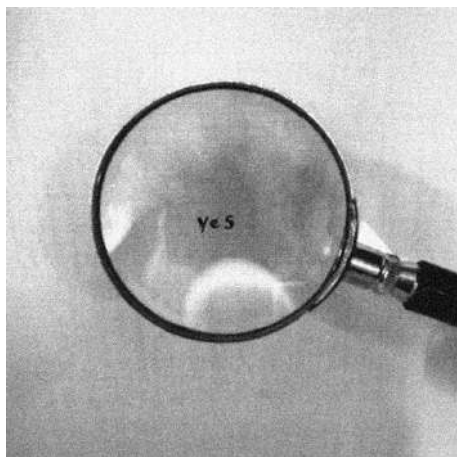
quando uma coisa pequena ou grande
acontecia com a Mulher
o homem dizia
que orgulho
mas depois ficava bem pequeno
por não ter uma coisa grande

tão pequeno
que derreteu
e a Mulher ficou
como o Francis Alÿs
empurrando gelo pela cidade do México

tarefa inútil

porque nem ela era o Francis Alÿs
nem estava na cidade do México

pra desempate,
o minúsculo *sim*
encobre um enorme *não sei*
e a história termina
quando o homem diz
mais nada





FRANCIS ALYS: às vezes fazer algo leva à nada [59]

